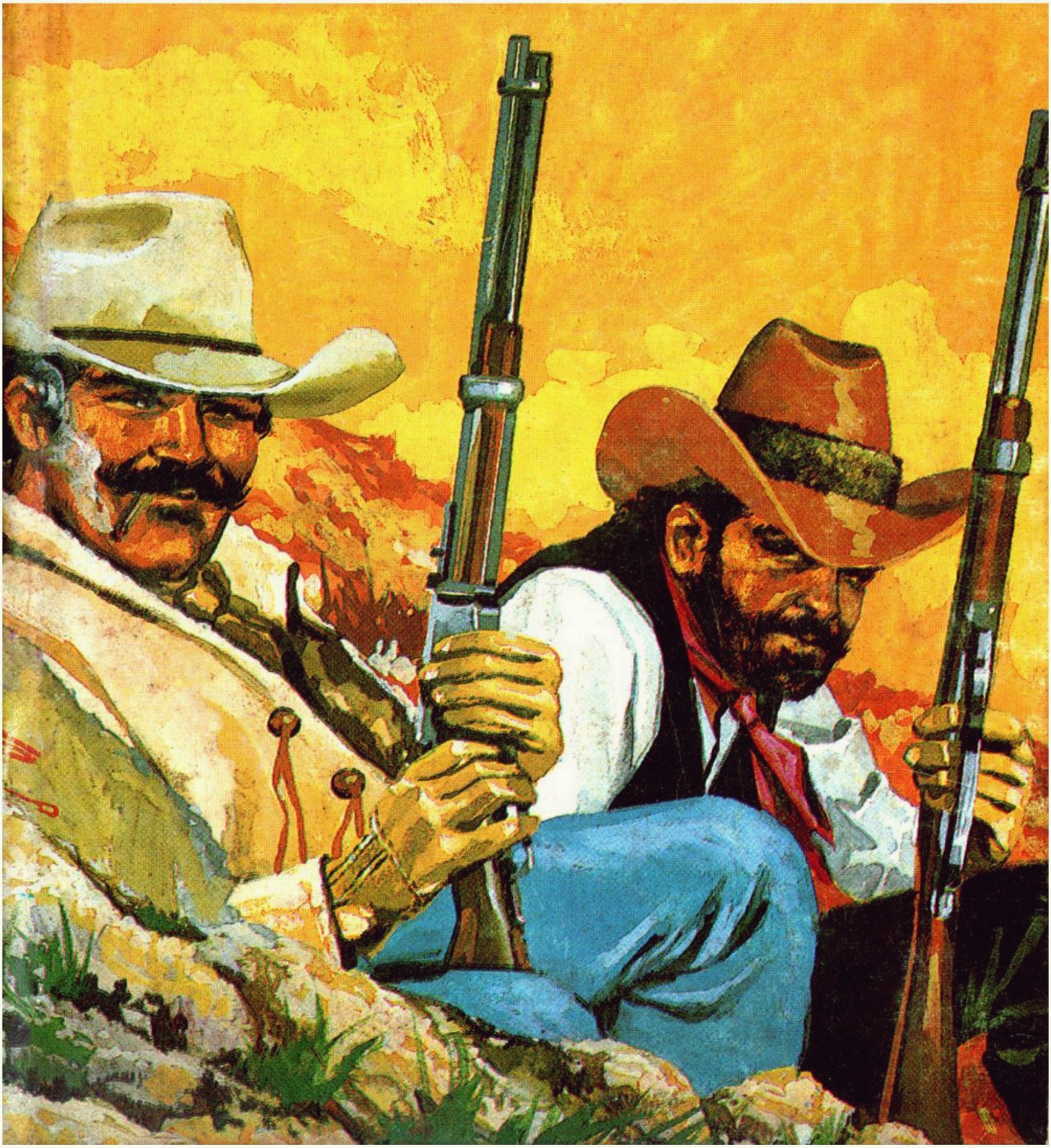
CHUMBO GROSSO

JEFF TAYLOR

A MORTE ESPREITA



SÉRIE: CHUMBO GROSSO

VOLUME: 93

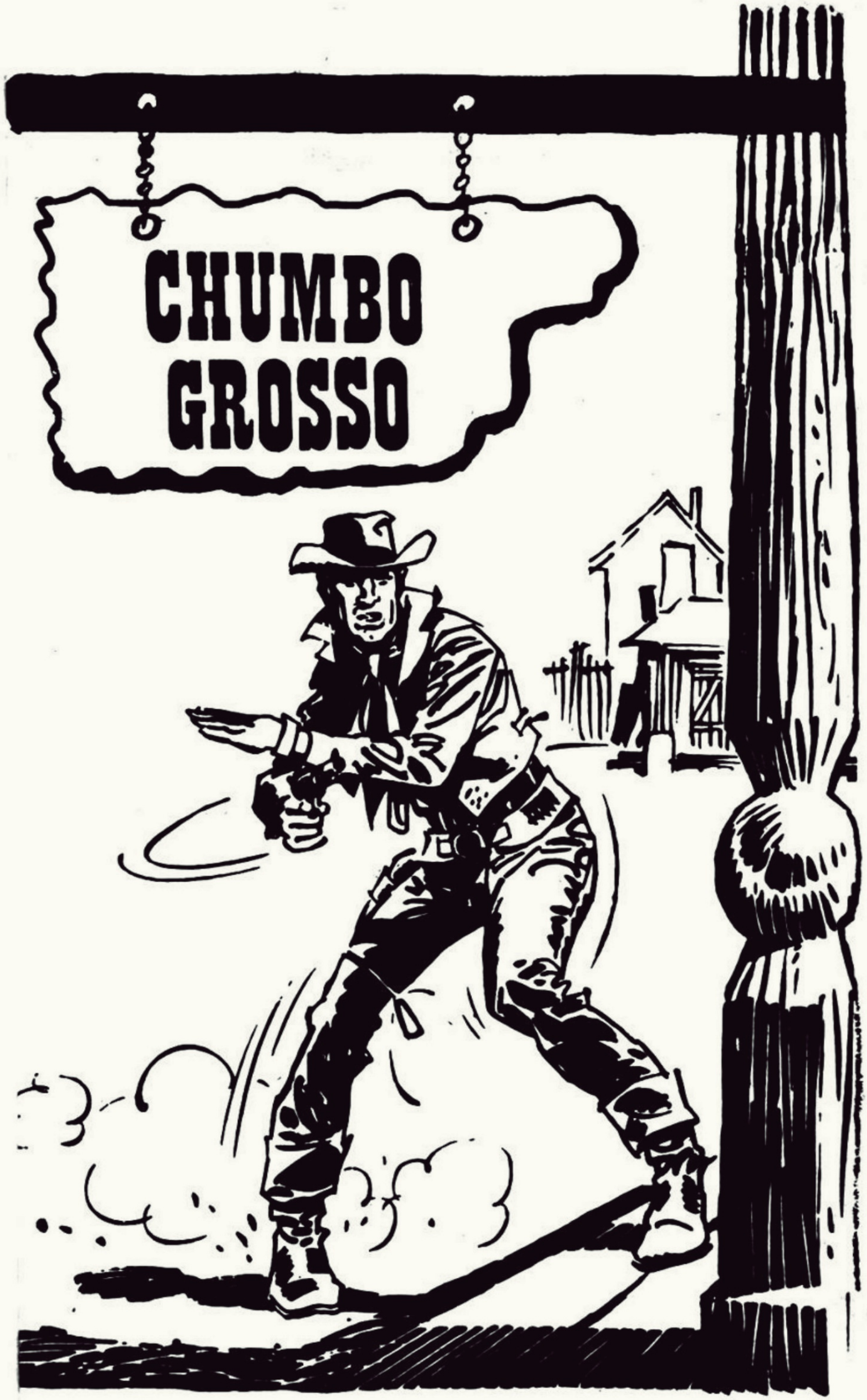
TÍTULO: A MORTE ESPREITA

CAPA: PEDRO MONTEIRO

AUTOR: JEFF TAYLOR

EDITORA: MONTERREY

ANO DA PUBLICAÇÃO: 1991


CHUMBO
GROSSO

A

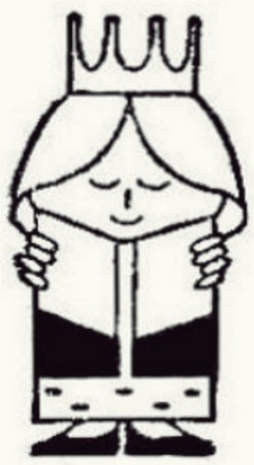
MORTE ESPREITA

JEFF TAYLOR

Capa de:

PEDRO MONTEIRO

PROIBIDA A REPRODUÇÃO NO TODO OU EM PARTE



EDITORA MONTERREY LIMITADA
Rua Visconde de Figueiredo, 81
Caixa Postal n 24119 – ZC-09
20550 – Tijuca – Rio de Janeiro
Fones: 248-7067 e 234-8398

© EDITORA MONTERREY LIMITADA

MCMXCI Publicação no Brasil
Composto e impresso por:
GRAFICA EDITORA LORD
Distribuído por:
FERNADO CHINGLIA
DISTRIBUIDORA S.A.

Todos os personagens desta novela são imaginados pelo autor e não tem relação com nomes ou personalidades da vida real. Qualquer semelhança terá sido mera coincidência.

PRÓLOGO

A ocupação do Oeste

Quando descrevemos a ocupação do oeste dos Estados Unidos, não podemos deixar de lado a imagem dos grandes carroções puxados a bois e a mulas, formando caravanas de dezenas de quilômetros, levando famílias e mais famílias para o lado de lá do Mississipi.

Somos obrigados a falar da fisionomia dos migrantes, vincada pelas agruras da vida, marcadas pela dureza do terrível trajeto desde a costa leste até os confins das pradarias do meio-oeste e das regiões férteis próximas ao Oceano Pacífico.

A impressão que se tem é a de que toda a colonização dos estados e territórios situados a oeste do grande rio, foi feita graças à formidável obstinação desses homens e mulheres que para lá partiram, deixando de lado o conforto e o progresso do leste em busca de novas oportunidades, à procura de uma felicidade talvez mais ao alcance de suas mãos.

É bem verdade o que se acaba de dizer.

Sem dúvida nenhuma, esses pioneiros foram a pedra fundamental da construção deste grande país que é os Estados Unidos da América do Norte.

Porém, a sua estabilidade naquela região inóspita, a sua permanência naquelas pradarias sem fim e nas frias

montanhas do maciço denominado Rocky Mountains, não teria sido possível se não fosse a concorrência e a ajuda inestimável levada pelas estradas de ferro.

Não fosse o trem, tudo quanto diz respeito ao oeste estaria tão distante e inacessível que seria absolutamente inviável para o próprio governo manter um controle sobre a população lá instalada, e, de uma maneira ou de outra, prestar qualquer espécie de ajuda ou auxílio para ela.

Da mesma forma, seria impraticável o escoamento da produção agrícola e pecuária desses homens que por lá se tinham localizado, o que de maneira inevitável haveria de levar ao desestímulo da produção e a um ostracismo prejudicial ao desenvolvimento.

As ferrovias possibilitaram uma perfeita integração nacional, fazendo com que os Estados Unidos se transformassem em uma nação na verdadeira acepção da palavra e não em um amontoado de estados relativamente dependentes entre si, geograficamente independentes e afastados uns dos outros e economicamente muito distanciados.

As estradas de ferro, pois, desempenharam um papel estratégico muitíssimo importante, principalmente logo depois da guerra civil, quando o país, cindido ao meio pelas divergências ideológicas e pelos ressentimentos decorrentes da fragorosa derrota dos estados sulinos, necessitava de alguma coisa que mostrasse para todos os americanos que a realidade era muito diferente. Eles eram donos de um país imenso, riquíssimo e com um potencial fora do comum. Havia a necessidade da união para que os Estados Unidos se transformassem em uma das nações mais poderosas do mundo, e, para que essa união se tornasse possível e concreta, era necessário haver uma perfeita integração entre estados do norte, sul, leste e oeste.

Uma integração que fosse rápida, eficiente e segura, permitindo que os americanos se deslocassem com poucas perdas de tempo e pequenos riscos entre a fronteira do Canadá e a do México e entre a costa leste e a costa oeste.

Tal mobilidade só foi possível com o surgimento das estradas de ferro e principalmente com as ousadas transcontinentais, ou seja, as ferrovias que atravessavam de costa a costa o país.

Um dos grandes jornalistas que dedicara dois terços de sua vida ao estudo do oeste americano, Horace Greeley, do New York Tribune, estava convencido de que a verdadeira e estável ocupação das terras a oeste do Mississipi, só poderia ser garantida pelas estradas de ferro.

Exaltava ele a necessidade de um transporte mais fácil de mercadorias, homens, equipamentos e principalmente de soldados que pudessem manter a lei, a ordem e os colonos em suas terras. Somente uma ferrovia transcontinental poderá ser a garantia da integração nacional, dizia ele em seus inflamados artigos de jornal.

As falas e a insistência de Greeley, acabaram por trazer resultados.

Alguns políticos, investidores e estrategistas militares, começaram a pensar com seriedade na construção de uma ferrovia que unisse definitivamente a costa leste à costa oeste de uma maneira a completar a integração do país.

Essa idéia, porém, a todo o público, mais parecia uma fantasia irrealizável do que qualquer outra coisa.

Não que não houvesse dinheiro suficiente para a construção de tão formidável e faraônico empreendimento.

O que havia como fator impeditivo, era uma série imensa de dificuldades e obstáculos a serem transpostos e para os quais, ao menos facilmente, não se via uma solução.

Assim, havia, em primeiro lugar, a distância a ser percorrida com os trilhos.

Em linha reta de New York a San Francisco, os dois pontos, respectivamente a leste e a oeste, onde começaria e terminaria a estrada de ferro, os empreiteiros teriam nada mais e nada menos do que duas mil e setecentas milhas para esfriar o ânimo de qualquer um.

É bem verdade que o percurso até o Vale do Mississipi, ou seja, até Saint Louis, já estava coberto por linhas férreas, mas, também era verdade que essas ferrovias não tinham sido construídas visando uma travessia transcontinental, e assim, seu trajeto obedecia muito mais a conveniência econômicas e políticas, do que a uma lógica topográfica e estratégica.

Resumindo: em função de servir aos eleitores deste ou daquele senador ou deputado, os trilhos faziam curvas e desvios verdadeiramente inadmissíveis.

Os disparates eram tão grandes que se costumava brincar, dizendo-se que o engenheiro que construíra a linha férrea recebera por quilômetro de trilhos assentados, independentemente do trajeto, e que na conceituação dos que foram responsáveis pela ferrovia, o caminho mais curto entre dois pontos era uma espiral — desde que esses dois pontos fossem duas cidades no mapa dos Estados Unidos.

Mesmo levando em consideração que o trajeto até Saint Louis estivesse construído, ao menos que provisoriamente, restavam ainda mil e oitocentas milhas para construir até Frisco.

Uma distância respeitável, assustadora!

Como se não bastasse a quimérica distância, era preciso considerar a previsível oposição e hostilidade dos índios quanto à travessia de suas terras...

Naquela época, em torno de 1860, os índios ainda representavam um perigo a ser levado em conta e com muita cautela.

Com toda a certeza, eles se oporiam violentamente — e sangrentamente, também — à passagem dos trilhos pelas reservas que tinham sido garantidas aos selvagens por tratados de paz que os brancos procuravam por todos os meios não quebrar.

Já conheciam a fama dos indígenas quando enfurecidos, sabiam perfeitamente o seu fabuloso número e tinham consciência do fato de estarem eles bem armados.

Para agravar, o exército não possuía contingente bastante para garantir a segurança dos construtores da ferrovia, e, mesmo que o conseguissem, depois, não haveria como impedir que os trens fossem sumariamente destruídos pelos selvagens.

Logo do ponto de vista militar, parecia muito difícil que a construção da primeira transcontinental viesse a se tornar uma realidade.

Quando o exército se viu obrigado a dizer que não poderia materialmente garantir a execução de obra nenhuma a oeste do Mississipi, os comandantes militares tiveram o desprazer de sentir que a opinião pública norte-americana começava a desprestigiar os soldados e a considerá-los como uma despesa inútil no orçamento da União.

Ora, isso mordeu francamente os seus brios.

Os militares, então, começaram a lutar por maiores verbas visando aumentar o seu contingente e modernizar os seus equipamentos.

Finalmente, a 1.° de julho de 1862, graças à perseverante atuação do político Stephen Douglas, conhecido como Pequeno Gigante, o homem que derrotara

Lincoln nas eleições de 1858, graças aos muitos dólares dos Quatro Grandes, Leland Stanfor, Collis Huntington, Mark Hopkins e Charles Crocker, graças aos projetos ousados do engenheiro Theodore D. Judah, graças a muitas garrafas de vinho, abraços e apertos de mão, os comandantes militares conseguiram a aprovação da Lei da Estrada de Ferro do Pacifico.

Segundo essa lei, duas empresas receberiam a concessão da linha férrea que ligaria o Vale do Mississipi com o Oceano Pacífico: a Union Pacific e a Central Pacific, que deveriam partir, uma do leste e outra do oeste, construindo a ferrovia, até que se encontrassem em Promontory Point, ao norte do Salt Lake, no Utah.

Foi a primeira grande demonstração de uma perfeita integração nacional!

No dia 10 de maio de 1869, dois trens, um vindo de New York e o outro de San Francisco, encostam frente a frente os limpa-trilhos de suas locomotivas.

Nesse momento, Stanfor e Durant, o vice-presidente da Union Pacific Rail Road, desceram cada um de seu trem para juntos, afixar uma placa de ouro comemorando o momento histórico.

A leste e a oeste, os canhões troaram.

Na Philadelphia, os sinos, especialmente o Liberty Bell do Independence Hall, começaram a tocar enquanto o telégrafo anunciava para todos os estados e territórios da União, o início de uma nova era para os Estados Unidos.

E era verdade.

A partir daquela data, o desenvolvimento do oeste dos Estados Unidos não pararia mais.

Muitas outras companhias ferroviárias seriam criadas, muitos ramais de interligação seriam construídos e uma

densa malha ferroviária seria desenhada no mapa dos estados situados à esquerda do Mississipi.

Dessa maneira surgiram a Atchison Topeka & Senta Fe a Northern Pacific, a Southern Pacific, a Texas & Pacific e muitas outras.

Essas estradas de ferro levaram para o oeste as esperanças de desenvolvimento e progresso de muitos e muitos pioneiros que desde antes de 1840 estavam radicados naquelas terras longínquas.

Porém, além disso, elas foram as responsáveis por uma fatia muito expressiva da colonização, arrastando para o oeste milhares e milhares de famílias.

Esses novos pioneiros, os Pioneiros dos Carroções de Ferro, chegaram ao oeste porque tinham começado como construtores braçais das ferrovias, porque tinham simplesmente escutado falar das maravilhas do oeste ou porque haviam adquirido as terras ao longo dos trilhos que as companhias construtoras receberam gratuitamente do governo para serem revendidas ou exploradas com a finalidade de cobrirem parte dos gastos com as obras ferroviárias.

Foram nada menos que seis milhões e meio de acres de terras entregues às companhias para serem revendidos aos que quisessem colonizar o oeste.

Ao menos teoricamente, terras suficientes para contentar a todos e bastantes para trazerem com a sua venda, lucros fenomenais para as empresas que puseram seus dólares nos trilhos das estradas de ferro.

As companhias de estradas de ferro sentiram-se felizes com a generosidade do governo, poderiam se dar por satisfeitas com a possibilidade de verem retornar a seus cofres muito mais do que havia sido gasto com a implantação das linhas férreas.

Essas glebas de terras distribuídas ao longo do traçado dos trilhos em áreas alternadas, como um imenso tabuleiro de xadrez, foram vendidas aos colonos que por elas se interessassem, à razão de duzentos dólares por gleba de cem hectares cada uma.

Sem dúvida nenhuma, era um preço alto para a época, mas, em troca, havia a garantia da passagem da estrada de ferro pelo limite de cada gleba e, além disso, condições de pagamento altamente atraentes tais como parcelamento da dívida por dez anos a juros anuais baixíssimos e descontos grandes para quem quisesse pagar à vista.

Não é preciso dizer que muitos milhares de pais de família se interessaram, e, com armas e bagagens, rumaram para o oeste.

No entanto, por mais esforços que se fizesse para incrementar essas vendas — é preciso lembrar que a quantidade de glebas era muito grande — não se conseguia completar as metas de colonização.

E na realidade, para as companhias ferroviárias, não interessava apenas vender as terras recebidas do governo e sentar os trilhos de leste a oeste dos Estados Unidos.

Era preciso haver usuários e isso só se poderia conseguir fazendo com que a densidade demográfica dos estados a oeste do Mississipi aumentasse de maneira significativa.

Iniciou-se, então uma intensa campanha publicitária.

Era a reprise do Go West de cinquenta anos atrás.

Fazia-se propaganda do oeste dos Estados Unidos no leste, no norte, e, especialmente, no exterior.

As companhias organizavam excursões para mostrar as maravilhas das regiões recentemente desbravadas e a segurança e conforto dos trens.

Correspondentes da imprensa foram convidados a participar dessas viagens de demonstração de modo a fazer com que os jornalistas atravessassem as regiões onde as terras das companhias estavam sendo vendidas.

Viagens muitíssimo interessantes, mas, não menos perigosas.

Como foi aquela em que — não se sabe se por sorte ou por azar — Mike Remington, um jovem e dinâmico jornalista do New York News, tomou parte...

CAPÍTULO PRIMEIRO

Bernanillo, maio de 1889

— Não consigo entender o que é que você faz aqui neste fim de mundo! — exclamou o xerife olhando para o seu auxiliar.

Mike Remington sorriu e erguendo os ombros em um gesto de resignação, respondeu:

— Não posso fazer nada, xerife. Nasci aqui, aqui cresci e aqui estou vivendo!

E com uma expressão triste em seu olhar, acrescentou:

— Vivendo mediocremente, como todos os outros de Bernanillo!

O xerife suspirou.

Pendurando o chapéu no cabide, caminhou até o armário onde deixava guardada a sua garrafa de uísque e falou:

— Você está sendo tolo! Um imenso tolo!

Encheu dois copos, entregou um para Mike e perguntou:

— O que é isso que está escrevendo?

— Uma reportagem, xerife... Ê para o Bernanillo News... Não há outro jornal em toda a região!

Havia uma certa raiva no olhar do xerife quando ele falou:

— Pois é por isso que eu digo que você é um idiota! Um perfeito imbecil!

— Talvez seja, mesmo — falou Mike, com um tom de voz ofendido. — Mas não posso fazer nada. Por incrível que possa parecer, eu também preciso viver, sabe xerife? Também preciso comer!

O xerife Dan Stream olhou intensamente para Mike e falou, escandindo as palavras:

— Você é tão medíocre quanto qualquer um dos imbecis que vivem nesta cidade! E sabe por quê?

Mike não respondeu.

Limitou-se a sustentar com firmeza o olhar do xerife enquanto este dizia:

— Você sempre será um medíocre enquanto pensar pequeno... Para deixar de ser como todos os outros imbecis de Bernanillo, você tem que aprender a pensar grande, meu amigo! Pensar grande, sabe o que isso quer dizer?

Mike continuou em silêncio e o xerife, implacável, prosseguiu:

— Enquanto você se contentar com os dois, dólares que o redator do jornal lhe paga para fazer esses artigos, estará pensando pequeno... ! No momento em que decidir que isso é muito pouco frente à sua capacidade, então sim, estará começando a se distinguir dos medíocres e estará começando a virar gente.

Mike suspirou.

— Se eu não aceitar os dois dólares de Neil, o proprietário do jornal, não terei nenhuma outra alternativa para publicar o que escrevo! — falou ele.

O xerife sacudiu negativamente a cabeça e disse:

— Muitas vezes é preferível não fazer, a fazer mal feito ou pela metade. No entanto é sempre preferível não fazer quando ninguém dá valor ao nosso trabalho!

Com um sorriso sarcástico nos lábios, indagou:

— Quem você acha que lê os seus artigos?

Antes que Mike pudesse responder, Dan Stream respondeu:

— Eu leio... O doutor Mathews, nosso médico, também. E mais ninguém!

Amansando o tom de voz, Don continuou:

— Pode ser que seja duro para você ouvir essas coisas... Sei muito bem que eu estou sendo cruel. Mas, ao mesmo tempo, sei que estou sendo seu amigo, talvez o único amigo que você realmente tenha aqui na cidade!

— Nunca duvidei de sua amizade, xerife — falou Mike, com voz sumida. — E pode estar certo de que eu já me questionei muitas e muitas vezes a respeito de quem é que lê o que eu escrevo.

Sorriu sem graça com uma expressão desiludida e acrescentou:

— Mas o problema é que se eu começar a pensar muito nessas coisas, acabarei deixando de escrever em definitivo! E isso eu não quero fazer!

Os dois homens ficaram em silêncio por alguns momentos e depois de tomar um grande gole de seu copo, o xerife falou:

— Você sabe muito bem o quanto eu o aprecio, o quanto o admiro, Mike. Sabe também que o considero como se fosse meu filho, uma vez que o meu Bob morreu quando estava enfrentando aqueles malditos bandidos...

Fez uma pausa emocionada, lembrando-se, daquele dia trágico.

Já estava fazendo mais de dois anos...

* * *

— 17 —

Bob Stream era o primeiro auxiliar de seu pai como xerife de Bernanillo.

Era um rapaz de vinte e cinco anos, desempenado, forte como um touro e extremamente rápido no gatilho.

Na realidade, rápido demais.

No correr dos cinco anos que tinha passado auxiliando o pai na manutenção da lei e da ordem na cidade, conseguira fazer uma fama terrível de homem duro, implacável para com aqueles que infringiam a lei e obstinado ao extremo quando se tratava de encontrar um criminoso qualquer.

Ora, essa fama acabou por extravasar os limites do condado e terminou por despertar em muitos bandoleiros e pistoleiros do oeste o desejo de matar Bob Stream, o famoso pistoleiro, delegado de Bernanillo.

Naquela noite, uma noite de final de inverno de 1887, Bob tinha terminado de fazer a ronda em companhia de Mike Remington, então com apenas dezoito anos, mas já o segundo auxiliar do xerife Dan Stream.

Os dois representantes da lei dirigiram-se até o saloon para tomarem um gole de conhaque com a intenção de espantar o frio que lhes devorava as entranhas.

Mal tinham chegado ao balcão, quando uma voz se ouviu, vinda de um dos cantos do salão de refeições que depois de nove horas da noite deixava de ser um refeitório para se transformar em uma mistura indecente de cassino e bordel.

— Parem aí, vocês dois!

Bob e Mike pararam, lentamente voltaram-se para trás, as mãos já baixando para as coronhas dos revólveres.

Dois homens se encontravam a menos de seis passos de distância, ambos empunhando os revólveres, os dois com um sorriso cínico a lhes repuxar os lábios para cima.

— Vamos ver agora — falou o mais velho — Vamos ver se você é mesmo tão rápido quanto dizem, Stream...

Bob e Mike puderam perceber claramente pela fisionomia do bandido, que ele não estava brincando.

Iria disparar a qualquer momento...

Com um movimento brusco, Bob emburrou Mike para o lado ao mesmo tempo em que, com uma velocidade alucinante, sacava seus dois Colts e disparava.

Mike, no chão, viu apenas os dois bandidos levarem as mãos para o alto da cabeça e caírem ao chão, cada um deles com a testa perfurada por uma bala.

Porém, Bob e Mike não tiveram tempo de ver que outros dois bandidos estavam ali.

E estes, sem pensar duas vezes, fizeram fogo contra o filho do xerife.

Mike alvejou-os com dois certeiros disparos no coração.

Porém, tinha sido tarde demais...

* * *

— Meu Bob morreu — falou Dan Stream com a voz um pouco embargada. — E graças a Deus, você veio para substitui-lo.

Olhou para Mike e mostrando o artigo que ele tinha acabado de escrever, falou:

— Tenho algum dinheiro... Você irá para New York e tentará por lá uma vida que se coadune mais com as suas capacidades intelectuais, compreendeu? Já perdi um filho por causa dessa estrela! Não quero perder você, também!

CAPÍTULO SEGUNDO

New York, maio de 1890

Mike Remington olhou desanimado para o papel que estava à sua frente.

Aquela história de fazer as coberturas jornalísticas dos simpósios e congressos que estavam acontecendo em New York, era para ele uma tortura.

Já estava cansado de ver aqueles homens cheios de poses e que pareciam ter o rei na barriga, repletos de gestos estudados e de palavras difíceis, cada um querendo mostrar que era melhor do que o outro.

Reclamara para seu chefe, pedira-lhe que lhe desse algumas matérias um pouco melhores, mais emocionantes onde ele tivesse ao menos uma oportunidade mais de mostrar que possuía talento.

O chefe, o sisudo senhor Stanwell, sorrira cinicamente, olhara para Mike e dissera, sarcástico:

— Com que então o mocinho está querendo coisas mais emocionantes, não é mesmo? Coisas em que possa mostrar o próprio talento?

E inclinando-se para a frente, passando a ampla barriga por cima da mesa, rosnou:

— Acha que tem algum talento, Mike? Não está convencido ainda de que não passa de um repórter de

segunda categoria, incapaz de farejar uma boa notícia, assunto que mereça uma reportagem?

Mike sentiu vontade de apertar aquele pescoço gordo até que a língua de Stanwell se espichasse, já roxa, para fora.

Porém, ele sabia muito bem que se fizesse isso ou apenas respondesse mal ao todo-poderoso redator-chefe do New York News estaria automaticamente no olho da rua e ainda por cima, marcado de tal maneira que jamais conseguiria um outro emprego como jornalista em qualquer lugar da costa leste.

Assim, esforçando-se ao máximo, conseguiu sorrir, dizendo:

— Tenho feito o melhor possível, senhor... É claro que ainda tenho muito que aprender com o senhor, mas, se não me forem dadas as oportunidades, jamais poderei chegar a coisa nenhuma!

Stanwell voltou a se recostar em sua poltrona e depois de suspirar como se fosse o homem mais infeliz do mundo, resmungou:

— Você veio para a redação do New York News porque um idiota meu amigo lá de Bernanillo, aquele maldito xerife Dan Stream, pediu para mim que cuidasse de você! Imaginei que iria ter nas mãos nada menos que um gênio do jornalismo, um homem que soubesse fazer todo o serviço e fosse capaz de distinguir entre uma banalidade e algo realmente interessante.

Olhando para Mike, acrescentou:

— Mas não... O que me veio parar nas mãos, é um caipirão, um idiota simplório exatamente como Dan Stream, absolutamente incapaz de se adaptar ao modus vivendi de uma cidade grande.

Ficou em silêncio por alguns instantes e continuou depois de apanhar um charuto em uma rica caixa de madeira que havia sobre a sua escrivaninha:

— Você não é capaz de engolir uma desfeita, incapaz de aceitar um pisão no pé sem que imediatamente queira ver o sangue de quem o despeitou ou de quem lhe deu o tal pisão. Isso é uma mentalidade pequena, uma forma de reagir medíocre e imbecil!

Mostrou uma série de folhas de papel que tinha nas mãos e indagou:

— Sabe o que são estas folhas?

Mike sacudiu negativamente a cabeça e Stanwell prosseguiu:

— São reclamações... Reclamações de pessoas que tiveram o azar de esbarrar em você durante um trabalho qualquer. Um pisão no pé, um copo de uísque derramado sobre seu paletó durante uma reunião em que você estava fazendo a cobertura jornalística, uma meia-palavra que o ofendeu.

Stanwell respirou fundo e falou:

— Há um aqui que pede a sua cabeça de qualquer maneira porque você simplesmente o esbofeteou em público...

Vendo que o rapaz ia protestar, Stanwell fez-lhe um sinal com a mão para que se mantivesse quieto e disse:

— Está bem, está bem... Eu sei que isso aconteceu porque esse cavalheiro estava destratando publicamente uma menina de pouco mais de quatorze anos de idade que estava tentando vender-lhe algumas flores à saída de um teatro.

Meneou negativamente a cabeça e murmurou:

— O pior é que em todos os casos, você tinha alguma razão. Por isso não consegui fazer coisa nenhuma com você

para poder não ser injusto consigo e ser coerente comigo mesmo, já que a minha vida inteira eu sempre preguei a teoria de que o empregado deve ser defendido quando ele tem razão!

Olhando outra vez com fixidez para Mike, completou:

— Você não escreve as reportagens, Mike... Você é a notícia!

Entregou para o rapaz uma folha de papel e disse em um sopro:

— Tome! Faça essa cobertura jornalística... Pode ser que pelo menos nesse lugar, nesse acontecimento, você consiga ficar sem causar muitas encrencas!

Mike apanhou o papel e leu, sentindo-se o mais miserável de todos os repórteres do mundo:

HOJE, ÀS SETE HORAS DA NOITE, OCORRERÁ O ENCONTRO DOS CONSTRUTORES DE FERROVIAS NO OESTE. CENTRAL PALACE HOTEL. FAVOR PROVIDENCIAR COBERTURA JORNALÍSTICA.

Vendo a expressão de desânimo do rapaz, Stanwell disse:

— Essa reunião tem por finalidade convidar um grupo de jornalistas de New York e de Boston, para acompanhar o senhor Thomas Edward McIntosh em uma viagem para o Wyoming.

— Quer dizer que eu irei para o Wyoming com os jornalistas? — perguntou Mike, entusiasmado.

— Nada disso — respondeu Stanwell com um risinho maldoso. — Você apenas fará a cobertura do encontro e dirá em sua matéria, quem é que vai como repórter, representando o nosso jornal. A escolha será feita na hora

pelos diretores da Central Pacific Rail Road e da Union Pacific.

Ergueu os ombros e acrescentou:

— De qualquer maneira, todos nós já sabemos que o escolhido será John Reed... Ele é o único que escreve sobre o oeste e além disso, escreve exatamente o que os proprietários das ferrovias querem ler.

Mike fez um muxoxo, ergueu os ombros desalentado e se retirou da sala do redator-chefe.

Mais uma vez, ficava com a pior parte, com a matéria que jamais poderia elevar o seu nome, que nunca lhe traria qualquer espécie de fama ou sucesso nos meios jornalísticos da costa leste.

— Um dia chegará a minha vez — disse ele. — Tenho certeza disso! É uma simples questão de ter paciência!

Porém, Mike já estava falando aquilo havia muito tempo...

Na realidade, sua paciência estava se esgotando!

* * *

Olhou mais uma vez para o papel que estava à sua frente.

Sim, era a única solução que estava enxergando.

Assinou o seu pedido de demissão, dobrou o papel e colocou-o no bolso interno de seu paletó.

— Vou fazer essa última tarefa para Stanwell — disse para si mesmo. — Depois, ao entregar a matéria para ele, entregarei junto a carta de demissão e pronto! Se conseguir encontrar um emprego melhor em um outro jornal, muito bem... Se não conseguir, voltarei para Bernanillo e continuarei a ser auxiliar do xerife ou qualquer outra coisa que não me traga tantas humilhações!

Com grande tristeza, lembrou-se de Dan Stream.

Seria uma decepção muito grande para o velho xerife...

Afinal, ele tinha posto tantas esperanças em Mike, tinha desejado tanto que ele se saísse bem e se transformasse em um jornalista famoso e conhecido...

Bem, Mike tinha feito o possível. Suportara todos os desaforos de Stanwell, tinha aguentado as suas indiretas e mesmo as suas diretas.

Sorriu consigo mesmo...

Na realidade, não podia culpar totalmente Stanwell...

Efetivamente, ele tinha dado trabalho.

Várias brigas e alguns narizes amassados... Eram motivos suficientes para que o redator-chefe acabasse por não gostar dele.

— Agora está acabado! — disse ele. — Este será o último trabalho para o New York News!

Colocou o revólver calibre trinta e oito na parte traseira de sua cinta — um homem do oeste está simplesmente nu se estiver desarmado — e deixou a casa.

Morava a cerca de uma milha do Central Palace Hotel e como tinha muita coisa em que pensar, resolveu ir a pé para, flanando a caminho do hotel, melhor poder refletir em um novo plano de vida.

Era engraçado como ele estava se sentindo animado com a perspectiva de encontrar um novo emprego, encetar uma nova etapa em sua vida.

Ao contrário do que ele mesmo esperava, não estava deprimido e parecia até que aquelas ruas feias e cinzentas do centro de New York estavam com um colorido novo, com uma conotação diferente do habitual.

Chegou a sentir um arrepio.

Já tivera essa sensação de leveza de espírito muitas vezes anteriormente e sempre isso havia precedido algumas coisas extremamente desagradáveis.

— Ora! — exclamou para si mesmo. — Estou impressionado à-toa... Talvez esteja com medo de enfrentar New York sozinho e sem o apoio de um emprego por trás de minhas costas!

Olhou para o relógio de bolso, presente de Dan Stream e disse, a meia voz:

— É melhor eu me apressar... Sempre é interessante chegar um pouquinho antes dos outros.

Naquele preciso momento estava passando diante de um beco escuro e mal-cheiroso e não pôde deixar de pensar que ali seria um excelente lugar para um crime.

Tal pensamento ainda estava reverberando em seu cérebro, quando escutou o som de um grito abafado e o ruído de luta no interior do beco.

Imediatamente, ele estacou, sentindo que o coração lhe batia mais forte, dentro do peito...

CAPÍTULO TERCEIRO

Sete e meia da noite

Mike sentiu que de repente, o instinto de defensor da lei voltava a tomar conta de seu ser.

Chegou até mesmo a se ver com o seu stetson de cor creme, o colete feito em couro de alce, os dois Colts pendurados muito baixo em seus quadris, amarrados às suas coxas por tiras finas de couro destinadas a dar maior estabilidade a todo o conjunto no momento de um saque rápido.

Tinha que agir depressa.

Sabia com a sua experiência como auxiliar de xerife, que as lutas silenciosas eram sempre as mais perigosas e ele não estava disposto a deixar que uma desgraça acontecesse por não ter agido com a velocidade necessária.

Sem vacilar, entrou no beco, já fazendo ruído suficiente para chamar a atenção daqueles que estavam lutando.

Era sua intenção fazer com que à sua chegada, os contendores se obrigassem a parar por um instante, o que lhe permitiria agir com mais eficiência.

Uma das muitas coisas que aprendera com Dan Stream e seu filho...

— Vem gente aí! — ouviu alguém dizer.

— Vamos embora — falou outra voz. — Vamos levar a garota!

Forçando um pouco a vista, Mike Remington conseguiu vislumbrar no final do beco, quatro figuras. Quatro silhuetas mal iluminadas pela luz que se filtrava de uma janela.

Viu que uma das pessoas era uma moça e que ela estava sendo presa pelos cabelos por um homem de estatura elevada e aparentemente de compleição muito forte.

Os outros dois estavam no chão engalfinhados, mas, no instante em que o outro dissera que ali vinha alguém, o que estava por cima se pôs de pé em um salto, dizendo para darem o fora dali, levando a garota.

Mike chegou a sorrir.

Quem quer que quisesse sair daquele beco não o poderia fazer sem passar por onde ele se encontrava...

O que valia dizer que dificilmente conseguiria fazê-lo.

Deixando o homem com quem estivera lutando estirado no chão, um dos bandidos voltou-se para Mike e disse:

— Afaste-se, rapaz! Não se meta onde não foi chamado!

O outro, puxando a moça presa pelos cabelos, falou, com voz irritada:

— Ora, Twinny! Acabe com ele logo de uma vez! Vamos embora daqui!

Mike percebeu que as coisas não iam ser de solução muito simples.

Aquilo não era um assalto comum. Não havia dúvidas de que estava havendo um sequestro e ele não deixaria que isso acontecesse.

A moça, com a cabeça inclinada para trás com brutalidade, gemeu um pedido de socorro e aquilo foi o bastante para o ex-auxiliar de xerife.

— Solte a moça — falou ele com calma, a voz firme, cheia de determinação. — Solte-a imediatamente!

O bandido que tinha derrubado o homem riu alto, e, sem dizer uma só palavra, fez surgir de dentro de suas roupas uma comprida faca de açougueiro.

— Está enganado, moço — falou Mike com um sorriso em sua voz. — Se pensa que eu tenho medo dessas coisas, está totalmente errado.

O bandido avançou para ele erguendo o braço armado, já sentindo o aço penetrar nas carnes de Mike.

Porém, quando ele baixou a faca com a certeza de atingir o adversário, este não mais estava ali.

Com um movimento de cintura muito rápido, Mike se desviou, ao mesmo tempo que sua mão, como se fosse uma verdadeira clava de guerra, se abatia contra a nuca do bandido, prostrando-o por terra, já sangrando abundantemente pelo nariz e pelos ouvidos, sinal claro de que aquele cérebro tinha sido fatalmente afetado pela força da pancada.

Aquele bandido jamais se levantaria novamente.

Vendo o que havia acontecido ao companheiro, o outro segurou com mais força a moça pelos cabelos, e, com a outra mão, sacou um revólver de pequeno calibre, encostando-o à sua têmpora direita.

— Afaste-se, palhaço! — falou ele. — Afaste-se ou então farei os miolos desta moça voarem para fora de sua cabeça!

Mike o encarou com firmeza.

Naquele momento, não havia o que fazer.

Ele estava com o revólver na parte de trás de seu cinto em uma posição de saque tremendamente difícil.

O bandido estava com a arma encostada à cabeça da moça e isso era terrível, uma vez que bastava um espasmo nervoso para que a desgraça acontecesse.

O melhor e mais seguro para aquela garota, era fazer com que o bandido passasse por ele em um instante em que lhe fosse possível reagir.

— Siga na frente! — exclamou o bandido, acabando com essas esperanças de Mike.

Sem outra alternativa, Mike estava disposto a obedecer quando o homem que estava no chão e que Mike pensava já estar morto, começou a recobrar os sentidos.

Moveu-se e ao encolher uma das pernas, derrubou uma lata de lixo que por ali se encontrava, fazendo um barulho dos diabos.

O bandido se assustou.

Por um momento, Mike pensou que tudo estivesse perdido. Imaginou que ele iria disparar contra a cabeça da moça, matando-a instantaneamente.

Porém, aquela refém parecia ser muito mais importante viva do que qualquer outra coisa no mundo.

Afastando o revólver da cabeça da moça, o bandido se voltou para trás, esquecendo-se por completo da presença de Mike à sua frente.

Era o que o rapaz estava desejando, pois ele precisava agir.

Com a velocidade do raio, levou a mão à parte traseira de sua cintura, sacando o revólver calibre trinta e oito.

O bandido nem sequer teve tempo de perceber de que tinha morrido.

Atingido pela bala disparada por Mike em plena cabeça, ele foi catapultado para trás, indo cair praticamente sobre o outro que jazia no chão.

Vendo-se subitamente livre, a moca olhou horrorizada para aqueles dois corpos que estavam no chão. Olhou para o outro homem que ainda se debatia, tentando despertar de uma vez e balbuciou:

— Papai! Oh, papai!

Tentou caminhar até onde ele estava, mas seus joelhos se recusaram e ela teria caído no chão se Mike não se precipitasse para ela e a amparasse...

* * *

— Tivemos muita sorte! — exclamou McIntosh, olhando cheio de gratidão para Mike. — Se não fosse o senhor Remington, a esta altura dos acontecimentos nós não estaríamos aqui!

Passou o braço por sobre os ombros de sua filha Susan e acrescentou:

— Uma coragem fabulosa! Simplesmente fabulosa!

Entretanto, enquanto os diversos repórteres que estavam ali no saguão do Central Palace Hotel entrevistavam o milionário Thomas Edsvard McIntosh, Mike Remington prestava suas declarações a dois policiais que tinham ido ali para esclarecer as morte daqueles dois indivíduos que tinham atacado 0 magnata.

Mike respondeu a todas as perguntas, prometeu que no dia seguinte pela manhã estaria na delegacia para maiores esclarecimentos, e, preocupado, viu que todos os repórteres passavam ao auditório para o encontro de jornalistas com o senhor McIntosh e os diretores das estradas de ferro.

Apressado, deu um jeito de se desvencilhar dos policiais e correu para tentar encontrar um lugar que ao menos fosse razoável entre as seiscentas cadeiras do anfiteatro.

No momento em que sentou, Gilbert Donovan estava dizendo:

— Como vice-presidente da Union Pacific Rail Road, tenho o prazer de apresentar aos senhores jornalistas, o

senhor Thomas Edward McIntosh, presidente e maior acionista da McIntosh Farms & Ranchs, que estaria interessado em adquirir uma gleba de quinhentos mil hectares no Wyoming, beirando a nossa ferrovia, para a instalação de um rancho moderno, onde se praticaria policultura de grãos associada à criação de suínos, ovinos e bovinos.

Um murmúrio de aprovação percorreu todo o auditório.

Durante a meia hora que se seguiu, Donovan expôs com sua linguagem fácil e simpática de bom vendedor, todas as vantagens que havia em se fazer um investimento de porte na região do Wyoming.

Ao terminar a explanação, McIntosh tomou a palavra e sem tocar no incidente que tinha vivido momentos antes, disse:

— Sei muito bem que minha presença no Wyoming está mexendo com interesses muito grandes de certas pessoas que ali se encontram e que daquele estado tiram o seu ganha-pão. Elas insistem em não admitir uma só ovelha sobre o solo do Wyoming.

Fez uma pausa, olhou pela plateia parecendo preocupado e perguntou:

— Onde está o senhor Mike Remington? Não o estou vendo, senhor Remington... Pode fazer o favor de se levantar?

Mike sentiu que o sangue lhe subia ao rosto.

Não estava acostumado àquele tipo de coisa e começava a ficar terrivelmente encabulado.

A custo, conseguiu se levantar e quando o viu, um sorriso se iluminou no rosto de McIntosh.

— Ah! — exclamou ele. — Aí está o meu salvador!

Fazendo um sinal para que se aproximasse, McIntosh disse:

— Tínhamos feito um programa em que a viagem seria feita em um trem comum, com todos os jornalistas designados pelas estradas de ferro para o trabalho de cobertura noticiosa. Porém, tendo em vista o que aconteceu agora há pouco, vê-se que acompanhar-me pode significar um risco bem grande. Assim, não pedirei a ninguém que me acompanhe, exceção feita a uma pessoa que eu faço questão que vá comigo e com minha filha, condição "sine qua non" para que eu vá ver e adquirir essas terras da companhia.

Voltou-se para Mike e disse:

— Você irá conosco, Mike Remington... Ou então nós não iremos a lugar nenhum!

CAPÍTULO QUARTO

Saint Louis, junho de 1890

Os preparativos para a viagem demoraram uma semana e meia, McIntosh fazendo questão absoluta de verificar pessoalmente todos os detalhes do que se estava fazendo de maneira a tornar aquela viagem do homem mais rico de toda a costa leste, o mais agradável possível.

Quando Donovan quis obrigá-lo a levar um vagão cheio de guardas de segurança, ele recusou, dizendo:

— Nada disso... Preciso que meus empregados acreditem que o oeste dos Estados Unidos é um lugar tão seguro ou tão inseguro quanto qualquer outro. Se vou ser obrigado a viajar para lá em um trem mais guarnecido do que um pagamento de Kinney Fort, nesse caso, o local para onde estou querendo levar os meus funcionários, não é de maneira nenhuma, seguro!

E batendo nas costas de Mike Remington com um sorriso, acrescentou:

— De mais a mais, estou perfeitamente seguro com Mike para me defender e à minha filha.

E categórico:

— Não haverá guardas de espécie nenhuma.

Se McIntosh conseguira se livrar dos incômodos guarda-costas que Donovan estava querendo lhe impor, não conseguira o mesmo com os repórteres.

Assim, apesar de todos seus protestos, ele foi obrigado a aceitar a presença de oito jornalistas que para não tirarem a privacidade do milionário, foram acomodados em um vagão especial com quatro cabinas e uma ampla sala-de-estar que, transformada em sala de trabalho, passaria a servir de redação para esses profissionais.

Com a anexação do vagão dos repórteres, tornou-se obrigatório o vagão-restaurante e a Union Pacific fez absoluta questão de colocar à disposição de McIntosh e sua comitiva, um dos melhores carros com que contava a companhia.

Donovan, preocupado com a segurança do trem, não ficou satisfeito com a idéia de McIntosh de não levar guarda nenhum. Para ele. era uma temeridade, uma vez que se saberia desde a partida do trem de New York, que aquela composição estava levando um milionário, um grupo de repórteres famosos e ao menos um dos diretores da associação Union & Central Pacific Co., uma das maiores empresas dos Estados Unidos ao final do século passado.

— É muito perigoso! — exclamou Donovan em uma reunião de emergência da diretoria da empresa. — É a mesma coisa que um rebanho de carneiros a passear diante de uma alcateia de lobos achando que estão em segurança unicamente pelo fato de que esses lobos estão dormindo!

E com um sacudir negativo de sua cabeça muito calva, acrescentou:

— Não acredito que haja algum dentre nós com coragem suficiente para acompanhar esse desmiolado!

Deu uma risadinha e completou:

— Exatamente! Pode ser que ele seja importante, mas não deixa de ser um terrível doido!

Todos os componentes da mesa diretora das duas empresas anuíram gravemente e um deles, murmurou:

— Donovan tem razão... Não somos malucos a ponto de irmos para o oeste sem a garantia de um bom punhado de guardas!

Um outro, mais velho, ponderou:

— Mas, apesar disso é fundamental que um dos nossos acompanhe McIntosh! Não haverá como convencê-lo das vantagens de adquirir as nossas terras sem que pelo menos um de nós esteja fazendo parte da comitiva!

Um silêncio pesado pairou sobre a sala de reuniões e depois de alguns segundos, uma voz jovial se fez ouvir:

— Eu irei, senhores!

Todos olharam para o jovem George Drago, um dos mais fortes acionistas das duas companhias que tinha passado a participar das reuniões de diretoria das empresas desde que seu pai, o poderoso Charles Drago, tinha falecido.

— Creio que eu posso ser útil nesse caso — voltou a falar Drago — Afinal de contas, conheço bem o oeste e além do mais, esta vida em uma cidade grande, já está começando a me enfastiar!

Um sorriso iluminou o rosto de Donovan.

Sim, era uma excelente idéia!

George, entre outras coisas estava se transformando em um permanente motivo de dores dei cabeça para ele e os demais conselheiros, pois suas ideias, excessivamente inovadoras chocavam as mentes emboloradas dos outros conselheiros e componentes da mesa diretora.

Não seria nada ruim conseguir manter por algumas semanas aquele terrível revolucionário longe das atividades da empresa.

— Você faria isso por nós, Drago? — perguntou Donovan, sem conseguir disfarçar a ansiedade.

George Drago sorriu e com uma piscadela para Donovan, disse:

— Ora, meu amigo! Deixe de fingimentos! Você está doido para me ver pelas costas! Sei muito bem que para todos vocês, será um imenso alívio poderem me ter longe desta sala por algumas semanas... Pois bem... Vou deixá-los duplamente felizes! Irei para o oeste representando as duas companhias, uma vez que sou acionista de ambas e ao mesmo tempo, vou deixá-los livres de minha presença por algum tempo.

Alguns protestos se fizeram ouvir, todos querendo dizer que jamais tinham pensado cm tal coisa, que a presença de George ali ao lado deles era apenas motivo de orgulho e satisfação, e todas essas baboseiras que se costuma falar nesses momentos.

Mas, a verdade era transparente: todos estavam felicíssimos com a idéia.

Mesmo porque dentre todos ali presentes, apenas Drago era do oeste. Somente ele tinha preparo, realmente, para enfrentar uma viagem como aquela sem ficar o tempo todo com medo de índios, bandoleiros e outras coisas assim, tão comuns do lado de lá do Mississipi, segundo o que diziam os alarmistas.

* * *

Na redação de New York News, Stanwell estava às voltas com um seríssimo problema.

Era fundamental enviar um repórter experiente na comitiva de McIntosh, mas...

Nenhum dos seus jornalistas estava querendo ir.

Ao contrário do que acontecia com os diretores das duas ferrovias que não estavam querendo participar da viagem

por uma simples questão de medo, no caso dos repórteres, o que os levava a se rebelar era o fato de Mike Remington estar fazendo parte da comitiva de McIntosh não como jornalista, mas sim como convidado especial do milionário e contratado por ele para escrever um livro-documentário sobre a viagem e a instalação de um núcleo de colonização no estado do Wyoming.

Para eles, isso era um desaforo. Uma desfeita de McIntosh e um desrespeito brutal de Stanwell.

— Arrume alguém que queira ir — disse-lhe o representante dos jornalistas. — Nós não iremos, mesmo que essa nossa atitude venha a nos custar o emprego!

Stanwell se viu entre duas espadas.

Não podia contratar um outro repórter por que isso acabaria levando todos os funcionários a se demitirem e isso seria desastroso. Por outro lado, não podia deixar de ter alguém de seu jornal na comitiva.

A solução lhe veio através de seu secretário:

— Há uma infinidade de repórteres autônomos em Saint Louis, chefe. Por que não contrata um deles? Basta um telegrama e pronto... Seu problema estará resolvido e muito bem!

Era a única solução.

Sigilosamente, usando o endereço de sua residência como base, Stanwell conseguiu descobrir a maneira de contatar três jornalistas de Saint Louis.

Telegrafou para os três pedindo-lhes que entrassem em comunicação urgente com ele.

Três dias depois, já nas vésperas da partiria do trem, apenas um tinha respondido.

— A solução é contratar este aqui mesmo — falou Stanwell para o seu Secretário, com um suspiro. — E o

melhor que podemos fazer é torcer para que ele seja um indivíduo ao menos medíocre!

Assim, sem outra alternativa, naquela tarde mesmo, Stanwell telegrafou para Saint Louis, Para o repórter autônomo J. Plumb, oficializando a contratação e ditando as normas de trabalho que o jornalista deveria seguir.

Cheio de dedos, foi procurar Mike Remington e pediu-lhe para lhe fazer o imenso favor de recepcionar em Saint Louis o jornalista Plumb e facilitar-lhe o entrosamento com os seus colegas de profissão.

Mike sorriu.

— Agora está me pedindo coisas, não é Stanwell? — indagou o moço. — Antes só mandava e o pior é que só mandava coisas ruins!

Muito vermelho, e sem jeito, Stanwell disse:

— Não seja injusto comigo, Mike... Afinal, se eu não o tivesse mandado para essa reunião, você não teria conhecido o senhor McIntosh, não é verdade?

Mike bateu amistosamente nas costas do terrível redator-chefe e falou:

— Não sou ingrato, Stanwell... Pode ficar descansado que seu repórter será muitíssimo bem tratado. E, se por acaso ele for um caipirão como eu, acho que poderei ajudá-lo um pouco, tendo em vista tudo o que aprendi com você!

Stanwell olhou atravessado para Mike.

Sabia perfeitamente que o rapaz estava zombando dele.

Porém, Stanwell se encontrava desarmado, estava completamente em suas mãos.

Por mais que isso lhe fizesse mal ao estômago e ao fígado, era obrigado a aceitar e a não dizer coisa nenhuma...

* * *

A viagem até Saint Louis correu sem nenhuma novidade.

Apesar de os jornalistas que compunham a comitiva — sete, pois o oitavo, do New York News, embarcaria no trem em Saint Louis — estarem sequiosos por momentos de emoção, nada aconteceu e o trajeto foi percorrido rapidamente, ou seja, em quatro dias.

No vagão de McIntosh, onde viajavam o milionário, sua filha Susan, Mike Remington e George Drago, esses quatro dias foram de lazer e de relaxamento, todos se divertindo muito com as histórias que se contavam mutuamente.

Mike Remington e Drago logo se tornaram muito amigos, como se já se conhecessem havia muitos anos.

Os dois rapazes, ambos do oeste, estavam cheios de assuntos. Não paravam um instante sequer de falar, sempre tentando impressionar e assustar a pobre Susan, que, moça típica de cidade civilizada, como era o caso de Boston, estremecia de medo quando eles começavam a falar dos índios, dos bandidos e especialmente dos crimes que eram cometidos a oeste do Mississipi.

Quando o trem começou a se aproximar de Saint Louis, Drago falou:

— Bem, Mike... Acho que vamos fazer a composição ficar um dia a mais nesta cidade. Não seria possível passar por Saint Louis com alguém que não a conhece, sem mostrar ao menos uma festa a bordo de um cassino flutuante!

Mike concordou e Susan, interessada, perguntou com um sorriso coquete:

— Quer dizer que vocês dois estão me convidando para uma festa a bordo de um daqueles navios do Mississipi?

— Exatamente — respondeu Mike. — Eu a convido e Drago irá para servir de guarda-costas... Que eu saiba é

muito perigoso ir sem as devidas precauções em um lugar como esse!

Susan olhou para os dois rapazes com expressão de medo e indagou:

— Por que estão falando assim? Será que é só para me assustar ou será que é verdade que existe mesmo perigo em um cassino flutuante?

Mike sorriu e respondeu, cheio de mistério:

— Você verá, Susan... Você verá! Tenha um pouco de paciência que você logo verá!

Nesse preciso momento, o maquinista acionou por duas vezes o apito da locomotiva, indicando que já estavam a duas milhas da estação mais próxima, ou seja, de Saint Louis.

— Estamos chegando a Saint Louis — falou Mike para Susan. — Um dos maiores portos fluviais do mundo!

Curiosa, interessada como uma criança a aprender coisas novas, Susan correu para a janela do vagão e disse, cheia de admiração:

— Meu Deus! Más tão longe da estação e já há tantas casas!

Mostrando as construções, a maioria com telhados pontudos e pintados de negro, perguntou:

— Mas por que construíram essas casas assim, em um estilo tão europeu? E por que os telhados pintados de negro?

Mike explicou:

A colonização de Saint Louis foi feita por franceses inicialmente, Susan... E franceses do noroeste da França, o que quer dizer, da Normandia. Por isso essas casas têm as fachadas cheias de madeiras aparentes e os telhados tão altos.

— Mas por quê pintarem de preto? — perguntou a moça. — Não é lá muito estético... A cidade fica feia, triste...

— Em compensação, no inverno as casas são mais quentes — falou Mike. — E o inverno aqui em Saint Louis é muito rigoroso. Nem tanto por causa da temperatura, uma vez que não é assim tão frio... O problema é a umidade. Saint Louis, devido ao Mississipi e aos alagadiços que a circundam é extremamente úmida o que faz com que se sinta mais o frio aqui do que em Boston ou Philadelphia. Pintando os telhados de negro, os raios solares são mais absorvidos e assim, as casas ficam mais quentes.

Diminuindo a marcha, a composição começou a se aproximar da plataforma de embarque e desembarque de passageiros e o chefe-de-trem apareceu para saber se haveria alguma contraordem de Drago ou de McIntosh no sentido de permanecerem ali por vinte e quatro horas a mais do que estava previsto.

— Vamos ficar — falou McIntosh. — Vamos apenas recolher o raio do repórter que está faltando e, em seguida, vamos cuidar de conhecer a cidade.

E com um sorriso maroto, acrescentou:

— Afinal de contas, estamos em uma viagem de trabalho, mas isso não implica no fato de sermos obrigados a permanecer trancados aqui dentro o tempo todo, não é mesmo? Há algumas coisas que eu quero fazer aqui nesta cidade, considerada como o maior centro de diversões de todo o país!

* * *

Susan, pelo braço do pai, desceu do vagão, enquanto Mike e Drago os acompanhavam, àquela altura ambos já

vestidos à moda do oeste, inclusive usando os Colts colocados em cinturões bem baixos.

Tinha sido uma surpresa para a moça quando ela viu os dois rapazes vestidos daquela maneira, usando calças muito justas de montaria, camisa de algodão grosso, botas de tacões altos e ao invés do tradicional chapéu inglês, um bonito e espalhafatoso Stetson.

— Não imaginava que estivéssemos viajando em companhia de dois autênticos pistoleiros — falou Susan. — Creio que agora sim é que começo a ter medo de tudo e de todos!

Os dois moços nada disseram.

Limitaram-se a trocar um olhar entre si e a acompanhar a moça e seu pai pela plataforma da estação.

Não tinham dado vinte passos e como que para dar as boas-vindas a Susan e McIntosh, as coisas começaram a acontecer.

Os quatro viajantes tinham visto logo que desceram do trem, que uma moça muito bonita, de pé ao lado de duas grandes malas, olhava de maneira insistente para o seu lado.

— Acho que ela está interessada em um de vocês dois — falou Susan, sem esconder uma certa ponta de despeito.

— Só se for em você — falou Mike para Drago. — Não a vi olhando para mim...

Drago não respondeu.

Naquele preciso momento, ele tinha percebido que quatro homens bastante mal-encarados estavam rumando com passos apressados para onde se encontrava a moça, visivelmente dispostos a interceptar-lhe os passos.

— Vamos ter encrencas — falou ele, baixinho, de maneira a apenas Mike escutá-lo.

Dito e feito.

Os quatro homens rodearam a moça, obrigando-a a parar e um deles, o que parecia ser o líder, falou:

— Ora, boneca! Mas onde é que vai com tanta pressa? Não me diga que tem um encontro aqui na estação!

Um outro, já mais ousado, tentou segurá-la pelo braço, puxando-a para um beijo.

Era o bastante.

De um salto, Drago segurou esse mais ousado pelo ombro e quando o homem se virou, surpreso, recebeu em pleno rosto um soco que mais parecia um golpe de marreta de parque de diversões.

Um som macabro de ossos quebrados se fez ouvir e o homem desmoronou, sangrando abundantemente pelos ouvidos e pelo nariz, já seus olhos se revirando nas órbitas, como procurando o melhor e mais curto caminho para o inferno.

Os outros três, percebendo que a situação tinha ficado completamente azeda, não esperaram mais.

Com movimentos rápidos e ensaiados, o que demonstrava claramente que eles estavam mais do que habituados àquele tipo de atividade, os bandidos reagiram.

Suas mãos desceram céleres para as coronhas dos Colts, sacando-os, já engatilhando-os para disparar.

A moça que estava sendo atacada, vendo-se livre, fugiu, buscando a proteção de um grande fardo de algodão que estava ali na plataforma.

Susan gritou, aproximando-se do pai, como a buscar proteção junto ao seu corpo...

CAPÍTULO QUINTO

A bordo do "Abraham Lincoln"

Todos os que estavam na plataforma da estação assistiram a cena, mas, depois, não quiseram acreditar no que seus próprios olhos tinham visto.

Os três bandidos sacaram com um movimento rapidíssimo, cada um deles deixando o corpo cair para um lado, abrindo-se em forma de leque de maneira a abrangir com suas armas a maior área possível.

Porém, nenhum dos três sequer chegou a disparar.

Os Colts surgiram nas mãos de Drago e de Mike como que por um passe de mágica, enviando para o centro da testa de cada um dos adversários sua porção mortal de chumbo.

Como se os dois rapazes já tivessem vivido momentos semelhantes àquele muitas e muitas vezes anteriormente, juntos, cada um deles cuidou de um dos bandidos e o terceiro, o que estava no meio dos outros dois, acabou atingido por duas balas de George e duas balas de Mike.

Com os três facínoras no chão, George Drago correu para trás do fardo de algodão indo encontrar a jovem que por pouco não tinha sido atacada, trêmula e assustada.

— Já acabou, mocinha... — disse ele com um sorriso, estendendo-lhe a mão para ajudá-la a se levantar. — Esses nunca mais vão incomodar quem quer que seja.

A moça se levantou, olhou intensamente para Drago e balbuciou:

— Obrigada, senhor... Muito obri...

E os nervos tensos como cordas de violino, não suportaram mais.

Seus joelhos se dobraram e ela teria caído ao chão se não fosse a presteza de Drago que a amparou, erguendo-a do chão como se fosse uma pluma e levando-a, depressa, para o vagão onde poderia com a ajuda de Susan, reanimá-la.

Cerca de dez minutos mais tarde, um pouco mais recomposta, ela disse com um sorriso sem graça e encabulado:

— Desculpem... Eu jamais poderia me comportar assim, demonstrando tamanha fraqueza.

Susan sorriu e retrucou:

— Ora, querida! Acho que qualquer mulher tem todo o direito de se deixar desmoronar ante tanta violência, tanto derramamento de sangue! Eu mesmo não consigo suportar essas coisas e acho que jamais conseguiria me habituar a essa qualidade de vida!

Respirando fundo e aceitando o copo de uísque que Drago lhe oferecia, a jovem disse:

— Tem razão..., mas acontece que uma repórter como eu...

Sorriu novamente e acrescentou:

— Pelo menos, uma moça como eu, que pretende ser considerada como repórter, tem a obrigação de suportar todas essas coisas que no fim, acabam sendo notícia.

Com um pouco de sacrifício, amparada ainda por Drago, ela se aproximou da janela do vagão e viu que os outros sete jornalistas da comitiva de McIntosh estavam

rodeando os cadáveres, cada um com o seu caderninho de anotações, escrevendo sem parar.

— Eles já conseguiram matéria para uma reportagem... E eu fiquei aqui, desmaiada, feito uma boba, enquanto deveria estar trabalhando!

Suspirou e murmurou, desanimada:

— Creio que o senhor Stanwell não vai ficar nem um pouco feliz com o que aconteceu!

Mike Remington teve um sobressalto.

— Stanwell? — perguntou ele. — Você por acaso está querendo dizer que é o Stanwell, do New York News?

— Exatamente — respondeu a jovem, voltando a sentar no sofá, ao lado de Drago. — Meu nome é fane Plumb... Sou o repórter J. Plumb que o senhor Stanwell contratou através de um telegrama para representar o seu jornal na comitiva do senhor McIntosh.

E com um olhar de desespero, gemeu:

— Mas agora, acho que tudo está perdido... O senhor Remington vai telegrafar para lá pedindo a minha dispensa... Sei muito bem que um jornalista frouxo não tem qualquer possibilidade de vencer na profissão!

Mike sorriu.

Olhou para Drago que parecia alheio a tudo o que se passava em tomo, embevecido que estava em admirar a beleza de Jane, e disse:

— Eu não teria coragem de fazer uma coisa dessas, mocinha...

E com um gesto de cabeça em direção ao amigo, completou:

— De mais a mais, creio que encontraria uma resistência terrível por parte da segunda pessoa na hierarquia desta viagem!

Como que despertando de um sonho, Drago falou:

— Mas é claro! É claro que isso não pode ser! Jane continuará conosco e eu passarei para a cabina de Mike de maneira a ela poder ficar bem acomodada!

Com uma risadinha marota, brincou:

— Deixá-la no vagão dos repórteres seria a mesma coisa que atirá-la em um covil de lobos!

Nesse momento, mandando que dois carregadores trouxessem as malas de Jane para o vagão. Susan falou:

— Não será preciso, George... Jane dividirá a cabina comigo. E eu ficarei muito feliz por ter uma companhia feminina nesta aventura! Estou certa de que nós duas nos daremos muitíssimo bem!

E já levando a moça para o seu camarote, acrescentou:

— Daqui a pouco nós duas vamos fazer algumas compras... Seria muito bom se pudéssemos contar com a companhia dos nossos protetores, não é verdade?

* * *

Enquanto as duas moças conversavam e se vestiam para sair à rua, na sala de estar do vagão, McIntosh e os dois trocavam ideias sobre o que tinha acabado de acontecer.

— Não creio que aqueles quatro que eliminamos fossem simples desordeiros que desejavam apenas aborrecer a senhorita Plumb — falou McIntosh.

— Creio que tem razão — murmurou Mike. — O comportamento deles no momento do duelo mostrou claramente que se tratava de um grupo treinado e bem entrosado de pistoleiros!

Drago pensou por alguns instantes e disse:

— Há muitos interesses envolvidos no que diz respeito às terras da ferrovia. Estou inclinado a pensar que algum

grupo que não queira a instalação de McIntosh no Wyoming esteja por trás disso tudo!

Olhando intensamente para McIntosh, Drago prosseguiu:

— Li o projeto agropastoril que pretende implantar na região, McIntosh... Só o fato de estar querendo se dedicar à agricultura e à criação de carneiros...

McIntosh balançou afirmativamente a cabeça, dizendo:

— Sei disso. Os homens do oeste são completamente contrários aos ovinos... Por uma mera questão de ignorância, acham que os bois e os carneiros não se dão bem entre si..., O que é uma gorda e redonda mentira!

Mike Remington, levantando-se e caminhando nervosamente pelo vagão, falou:

— Não é bem assim, senhor... Na verdade, os carneiros por terem os cascos duros e muito finos, quando vão beber água, levantam com as patas as substâncias alcalinas do barro e essas substâncias provocam distúrbios digestivos nos bois, impedindo-os de engordar. É claro que os criadores não gostam disso!

Sem dar chance a McIntosh de se defender, Mike prosseguiu:

— Como se isso não bastasse, o senhor pretende instalar na região um sistema de plantação de cereais em alta escala, o que significa a necessidade de transformar pastarias em campos de cultivo. Ora, essas pastarias estão sendo utilizadas por todos os rancheiros do lugar e a chegada de uma agricultura mais evoluída representará para os criadores de gado a perda dessas pastagens.

McIntosh protestou:

— Mas isto é uma falta de senso! A partir do momento em que a minha companhia começar a produzir, a primeira coisa que vai acontecer é que o Wyoming vai se tornar

independente em relação aos outros estados, no que diz respeito à necessidade de comprar alimentos e até mesmo forrageiras para o gado! Ou lã para que os habitantes possam fazer os seus agasalhos!

— Infelizmente — disse Drago — Mike está com a razão. Por enquanto, o Estado do Wyoming é eminentemente voltado para a pecuária, compreende, McIntosh? Por isso, a probabilidade de haver gente de lá com muito pouca vontade de ver instalado o seu projeto, é muito grande!

Assim como é imensa a possibilidade de que sejam essas pessoas as que estejam até pagando para que seja criada uma situação de medo e de insegurança de sua parte que acabe por desistir de tudo!

Decidido, McIntosh falou:

— Pois se pensam que eu vou desistir assim com essa facilidade, estão muito enganados! Meu projeto será instalado nem que eu tenha que ir ao Presidente da República para pedir ajuda e proteção! Quando decidi que vinha para o oeste, eu não estava brincando e muito menos considerando um investimento de milhões de dólares, como um mero passatempo de milionário!

Drago sorriu.

Olhando para Mike, ele disse:

— Nós dois vamos ajudá-lo, no que for possível, a tornar essa sua idéia, algo concreto. Porém, fique desde já avisado de que vai encontrar muitas dificuldades! E não serão pequenas!

— Já vi muita coisa nesta vida, meu filho — falou McIntosh — e não costumo ficar assustado com bobagens! Podem estar certos de que eu estava já esperando alguma espécie de reação contrária à minha chegada ao Wyoming nos termos em que pretende entrar lá. Estou prevenido,

portanto e a partir do momento em que resolver começar a trabalhar, terei armas suficientes para convencer todos os rancheiros da região a ficar do meu lado e não contra mim!

* * *

Naquela noite, McIntosh decidiu oferecer um jantar aos repórteres que o estavam acompanhando a bordo do "Abraham Lincoln" o mais luxuoso de todos os navios fluviais do Mississipi, a título de se comemorar a chegada ao oeste dos Estados Unidos, uma vez que o rio Mississipi e a cidade de Saint Louis eram considerados como sendo o marco virtual da divisão entre o mundo civilizado do leste e o selvagem, do oeste.

Assim, às oito horas da noite, ele e sua comitiva estavam a bordo do imenso vapor, sentados a uma comprida mesa ao lado das amplas janelas que davam para o convés superior, saboreando pratos que dificilmente seriam encontrados nos mais finos e requintados restaurantes de New York ou até mesmo de Paris.

Orgulhosa de sua cidade, Jane Plumb disse:

— Estes navios somente abrem suas portas ao público de terra em três cidades, ao longo de todo o percurso que fazem, daqui até o mar: em Saint Louis, como estão vendo, em Wicksburg e em New Orleans.

Com os olhos brilhantes, completou:

— E é sempre em Saint Louis que há maior movimento. Isso porque aqui há um entroncamento ferroviário muito grande e, além disso, o próprio povo parece caprichar em se mostrar mais evoluído. Assim, é aqui que acontecem as apresentações teatrais, antes mesmo de qualquer outro lugar no oeste.

George Drago sorriu e falou:

— Pois é... Em compensação, é uma das coisas mais violentas de todo o oeste... Acho, até, que como porta de entrada para esse lado do nosso país, é um péssimo cartão de visitas!

Muito séria, Jane concordou com as palavras do rapaz, dizendo:

— Infelizmente, você tem razão, George. Eu jamais poderia dizer que Saint Louis é uma cidade pacata. Mas, da mesma maneira, não poderia afirmar que são os habitantes daqui, aqueles que aqui nasceram, como eu, que não são os que provocam as desordens. Muito pelo contrário, são as pessoas de fora, aventureiros que para cá vêm que são os verdadeiros cancros, compreende? São pessoas sem esperanças, sem objetivos maiores e mais nobres do que ganhar dinheiro. Maquiavelistas, não veem e não respeitam nenhuma espécie de obstáculo enquanto estão visando enriquecer. Essas pessoas que são perigosas, fazem de minha cidade o local violento em que Saint Louis se transformou!

Um dos repórteres ponderou que ali onde se encontravam, a bordo de um navio tão requintado e luxuoso, eles estariam em absoluta segurança.

— Acho impossível que bandidos vulgares tentem qualquer coisa a bordo de um vapor como o “Abraham Lincoln” — disse ele.

— Pois não se iluda, meu amigo — falou Drago por Jane. — Aqui no restaurante, você não está vendo mais do que luxo e pessoas bem-educadas comendo. Mas nós iremos para o salão de jogos dentro de poucos momentos... E então você poderá ver que espécie de gente costuma frequentar esses lugares!

Terminado o jantar, McIntosh e os demais passaram para o chamado Golden Boat Saloon, o mais popular dos dois grandes salões de jogos do navio.

— Creio que deveríamos ter ido para o Diamond Saicon — disse fane, aceitando o braço que George lhe oferecia. — Lá pelo menos quem está jogando gente de melhor nível!

Drago sorriu e retrucou:

— Ora! Cassinos requintados, esses repórteres conhecem! O que eu quero que eles vejam é simplesmente um local onde a emoção e o perigo estejam pairando no ar!

E olhando para os lados, acrescentou, ao ouvido da jornalista:

— De mais a mais, os que estão querendo prejudicar McIntosh, certamente estarão no Diamond Saloon... Possivelmente, terão pensado que um magnata como McIntosh, jamais iria a um cassino popular!

A moça ficou em silêncio por alguns instantes e, de repente, parecendo nervosa e agitada, falou:

— Acho que deveríamos ir embora, George... Não estou gostando nada de ver aqueles quatro homens que estão ali embaixo!

George lançou um olhar na direção que a moça apontava com a cabeça e murmurou:

— Talvez você tenha razão... Eles estão olhando muito para nós. Parece que estão terrivelmente interessados em nossos movimentos!

— Conheço aqueles quatro, George — falou Jane. — São pistoleiros de aluguel e dos mais perigosos!

Segurando com um pouco mais de força o braço do rapaz, ela acrescentou:

— Depois do que aconteceu hoje na estação, acho que você e Mike estão correndo sério perigo!

George não respondeu.

Caminhando um pouco mais depressa, alcançou Mike que ao lado de McIntosh e de Susan, estavam se aproximando de uma das mesas de roleta do cassino.

— Leve as garotas e McIntosh para fora — ordenou o rapaz. — Vamos ter encrencas aqui dentro, sou capaz de apostar!

— Está enganado — replicou Mike. — Você não vai ficar sozinho com o problema, meu amigo.

Sem perda de tempo, apanhou dois dos repórteres e falou:

— Vão lá para fora, agora! Levem McIntosh e esperem por nós perto da ponte de comando!

Os dois repórteres e McIntosh não discutiram.

Apenas as duas moças não acharam a idéia das melhores e protestaram, dizendo que não tinha cabimento deixarem os dois rapazes correrem riscos sozinhos.

— Não há o que fazer — falou Mike para Susan, baixinho. — Temos que eliminar os problemas que surgirem e não fugiremos deles, compreende? Por isso, para não nos atrapalharem, vocês irão para fora... E já!

Susan olhou feio para Mike.

Não estava acostumada a obedecer a ordens de ninguém, ainda mais ditadas nesses termos e daquela maneira.

Porém, o olhar que Mike lhe lançou não permitia qualquer espécie de contestação.

Empinando o nariz, ela se aferrou ao braço do pai e disse, já se retirando:

— Nós conversaremos a respeito dessas coisas, senhor Remington! Pode estar certo de que ainda conversaremos!

Mike sorriu e disse, apenas:

— Pois eu também espero poder conversar com a senhorita...

E com uma expressão súplice, murmurou:

— Bem entendido... Se esses bandidos o deixarem, não é mesmo?

Susan estacou.

Olhou para Mike já mostrando o medo estampado em seu rosto e disse:

— Tome cuidado... Por favor...

* * *

Assim que perceberam que as duas moças e McIntosh estavam deixando o salão, os quatro bandidos se mexeram.

Dividindo-se em dois pares, caminharam apressados para a porta por onde haviam desaparecido as duas e o milionário, acompanhados pelos repórteres.

— Chegou a hora — murmurou Mike. — Tenho a impressão de que esses bandidos estão mais interessados em Susan do que em qualquer outra pessoa!

Preocupados, os dois rapazes perceberam que dois dos bandidos estavam se dirigindo para eles enquanto os outros dois caminhavam para a porta do salão, manifestamente dispostos a alcançar McIntosh.

— Vão querer nos distrair enquanto agem contra as moças! — exclamou George. — Não podemos permitir isso!

Empurrando Mike, acrescentou:

— Vá dar cobertura a elas! Deixe estes dois comigo!

Mal teve tempo de terminar a frase e já Mike estava correndo para interceptar os passos dos dois pistoleiros que, àquela altura, estavam bem próximos à porta.

— Onde pensam que vão? — perguntou ele, acintosamente.

CAPÍTULO SEXTO

Omaha, à hora do almoço

Os dois pistoleiros estacaram.

Não tinham percebido que se eles se desmembraram em dois pares, Mike e George também haviam se separado.

E naquele momento, Mike estava à sua frente, as mãos pendentes ao longo do corpo, muito próximas às coronhas dos Colts, as pernas ligeiramente afastadas uma da outra de maneira a melhorar a posição de equilíbrio.

Era inevitável o duelo...

Com rapidez, com a velocidade do bote de uma cascavel, os pistoleiros agiram.

Cada um deu um passo para o lado, separando-se ainda mais, ao mesmo tempo em que suas mãos sacavam os revólveres, o cão já sendo erguido pelo polegar para o disparo.

Mas Mike não estava desprevenido.

Saltando para a direita, o que surpreendeu os dois adversários, uma vez que é mais normal saltar para o lado contrário àquele de onde se vai sacar primeiro, o jornalista puxou o Colt do coldre e deu ao gatilho. Duas vezes...

Foram dois disparos muito próximos um do outro, tão juntos que muitos presentes, mais tarde, juraram ter escutado apenas um estampido.

Os bandidos saltaram para trás como se tivessem levado um coice de mula em pleno rosto e tombaram, seus olhos convergindo para o alto, como se buscassem enxergar o orifício que a bala de Mike lhes tinha feito no meio da testa.

A menos de cinco passos de distância, Susan se libertou de seu pai e correu para o rapaz, jogando-se em seus braços.

— Mike! Oh, Mike! — falou ela, beijando-o no rosto, apertando-se contra seu corpo, como se quisesse se certificar pelo contato intenso, que ele estava ali, vivo e inteiro. — Tive tanto medo. Mike! Por favor... Não se arrisque mais dessa maneira!

Mike sorriu.

Abraçou-a carinhosamente e roçando os seus lábios nos dela, falou:

— Não há porque se preocupar, Susan... Ainda mais a partir de agora, eu saberei como proteger a minha própria vida. Agora, que você se comporta assim comigo, tenho mais do que motivos para não querer morrer!

Enquanto isso, no salão de jogos, os outros dois pistoleiros estavam vivendo um momento dos mais difíceis.

Frente a frente com George Drago, eles sentiram de perto o bafejar da morte.

Tinham tomado conhecimento da velocidade com que ele sacava as armas, mas acharam que poderiam, pelo fato de serem dois e bastante experientes, dominá-lo com facilidade.

Mas... George não fugira, não mantivera o companheiro ao seu lado.

Muito pelo contrário, tinha ficado sozinho para encontrá-los e, além disso, já podiam adivinhar o que havia acontecido aos seus dois comparsas.

A situação era negra...

— Com que então vocês foram pagos para nos liquidar... — rosnou George Drago. — E por quem? Pode-se saber?

Os dois pistoleiros decidiram agir.

Sabiam perfeitamente que de nada adiantaria ficar ali encarando aquele rapaz e que, se desistissem, enfiando o rabo no meio das pernas e fugindo, nunca mais poderiam contar com qualquer espécie de ganho proveniente dos Colts.

Como pistoleiros de aluguel, estariam liquidados.

Assim, não havia outra alternativa a não ser sacar os revólveres e atirar, tentando surpreender Drago.

Tarefa que infelizmente para eles, não era nem um pouco simples...

Não se pode dizer que os pistoleiros não tentaram.

Muito pelo contrário, procuraram agir o mais depressa e o mais eficientemente que podiam.

Porém, para superar Drago, era preciso muito.

Os facínoras ainda não tinham terminado de tirar as armas dos coldres quando os Colts surgiram nas mãos de Drago já cuspindo fogo, enviando para o meio da testa de cada um dos dois bandoleiros um pedaço mortal de chumbo.

Catapultados para trás pela violência do impacto dos pesados projéteis de ponta chata calibre .38-40, os bandidos caíram ao chão mortos antes mesmo que seus corpos tocassem as tábuas bem polidas do assoalho do salão.

George ainda estava olhando para os cadáveres quando escutou a voz de Jane ao seu lado, em um murmúrio apenas perceptível:

— Oh, George... Por um momento pensei que você...

E a moça não conseguiu terminar a frase, prorrompendo em prantos.

George abraçou-a e falou, ao seu ouvido:

— Já acabou, Jane... Não se preocupe mais... Acalme-se... Acho que agora não precisaremos temer outro ataque ao menos aqui em Saint Louis!

* * *

Enquanto a composição especial de McIntosh no dia seguinte avançava pelas pradarias, a caminho do oeste, a cerca de quatrocentas e cinquenta milhas de Saint Louis, na cidade de Omaha, dois homens olhavam desanimados para o telegrama que lhes tinha chegado às mãos.

À mesa, em frente aos dois, o almoço esfriava sem que nenhum deles mostrasse a menor vontade de saborear aqueles pratos tão refinadamente preparados.

— Mas como é que poderíamos imaginar que esses dois malditos que estão acompanhando McIntosh seriam pistoleiros tão respeitáveis, tão eficientes? — perguntou o mais novo dos dois.

— Nós deveríamos supor que McIntosh jamais viria para o oeste trazendo a própria filha, sem que tivesse todas as garantias de segurança, Hugh! — falou o outro.

— Pode ser, Goopper — concordou seu companheiro. — Mas de qualquer maneira, eles liquidaram todos os pistoleiros que nós enviamos para Saint Louis! — Sabe o que isso quer dizer? Todos os pistoleiros! Não sobrou nenhum! Apenas Fairbanks escapou e isso porque estava escondido!

Os dois homens ficaram em silêncio por alguns instantes e sentando-se à mesa, Goopper falou:

— Ainda bem que Fairbanks escapou... Pelo menos assim, pudemos ficar sabendo o que aconteceu antes que

eles chegassem aqui e ainda dá tempo de se tomar alguma providência!

Sentando-se à frente de Goopper e apanhando uma coxa de peru, Hugh indagou:

— O que é que está pretendendo fazer?

— Vamos avançar um pouco mais para o oeste conforme estava planejado... Vamos deixar mais três ou quatro pistoleiros aqui à espera do trem de McIntosh e, depois...

— Se aqueles dois conseguiram dar cabo de oito... Acha que não fariam o mesmo com os três ou quatro que deixarmos aqui? — perguntou Hugh.

— Não há necessidade de um confronto — explicou Goopper com sarcasmo. — O que interessa é o resultado final, e este, para nós, é que os dois pistoleiros de McIntosh tombem e consigamos nos apoderar de sua filha... Depois disso feito, podemos ter a certeza de que McIntosh fará o que pedirmos para que nós lhe entreguemos de volta a menina, sã e salva!

Riu, serviu-se de uma imensa lasca de peito de peru e acrescentou:

— Exatamente por isso, os que contratarmos para esperar por McIntosh, aqui, terão ordens de matar esses dois, mesmo que para isso tenham que atirar neles pelas costas!

— O que será bem mais fácil — admitiu Hugh.

CAPÍTULO SÉTIMO

Black Stone Pass

O dia ainda não havia raiado quando o trem de McIntosh partiu da estação de Saint Louis em direção ao oeste.

— Vamos vencer ao menos quinhentas milhas hoje e amanhã — falou Drago. — Assim, poderemos ter um pouco mais de tempo no Wyoming e em especial, nas terras que Macintosh deve adquirir.

Jane, ao lado do rapaz, na sala de estar do vagão, perguntou:

— O que acha a respeito do projeto de McIntosh? Será que é viável?

George pigarreou e apanhando a caneca de café, respondeu:

— É mais do que viável. E, na realidade, a única maneira que existe de se fazer o Wyoming efetivamente progredir.

— Mas o Wyoming é rico — protestou Jane. — Só o que há de gado por lá!...

— Sim — replicou Drago. — Mas só gado... Havia um pouco de ouro em garimpos esparsos pelas Montanhas Rochosas, mas, a quantidade de metal que se conseguia extrair era tão pequena que não se poderia jamais computar como uma fonte de riqueza para o estado. A agricultura é

pouca coisa mais do que primária de tão atrasada. Ninguém planta coisa nenhuma e chega a ser difícil encontrar uma casa que possua uma horta por pequena que seja. A única preocupação é o gado e isso não é bom, pois, da mesma maneira que há dinheiro por causa dos grandes rebanhos, há despesas muito significativas pela falta de outros produtos que custam caríssimo, uma vez que vêm de outros estados da União.

Tomou mais um gole de café, sorriu ao sentir que a moça se encostava um pouco mais nele como se estivesse com frio e necessitasse de agasalho e carinho, e continuou:

— O Wyoming possui terras férteis, é um estado bem irrigado por rios perenes e apesar do clima frio, um lugar em que as estações do ano são muito bem marcadas. Com isso, a agricultura é francamente favorecida, permitindo várias colheitas de diversos tipos de cereais o ano inteiro. McIntosh sabe perfeitamente bem disso e assim, estabeleceu um projeto de desenvolvimento de uma área muito grande de tal maneira a se tornar o pioneiro regional em um método de vida e de negócios que já foi testado em outras regiões do mundo com amplo e perfeito sucesso.

Passou o braço por sobre os ombros de Jane fazendo-a encostar a cabeça muito loura em seu peito e completou:

— O que McIntosh quer fazer é formidável..., mas não deixa de ser um pouco perigoso para ele mesmo pois esse esquema de produção vai derrubar muitas grandes fortunas de lá... Há rancheiros que de terras suas, mesmo, possuem muito pouco. O restante de seus imensos ranchos, é constituído por áreas desocupadas que são do próprio governo e, portanto, passíveis de serem requisitadas por quem bem as quiser utilizar para um programa decente de produção agropastoril.

Erguendo os olhos para George Drago, Jane perguntou:

— Mas se ainda há terras sem dono no Wyoming, porque razão McIntosh não as requisitou, ao invés de adquiri-las da ferrovia?

— Por um motivo principal, minha querida — falou Drago.

— Gostei de ser chamada de minha querida — murmurou Jane aninhando-se mais um pouco contra o peito de George.

Drago sorriu e prosseguiu a sua explanação:

— Essa razão é muito simples... O governo não dá terras a ninguém a menos de noventa milhas de distância da linha férrea e isso significa que as áreas de que ele pode dispor são ainda muito distantes de todo e qualquer recurso, até mesmo de toda e qualquer via de acesso. Dessa maneira, acaba por ser mais conveniente comprar o que se quer do que abrir estradas até as terras requeridas ao governo da União. A ferrovia precisa de usuários para poder sobreviver. Está certo que o transporte de mercadorias de costa a costa é lucrativo, mas, no fundo, é insuficiente. O que uma estrada de ferro necessita acima de qualquer coisa, é de quem a possa utilizar. Por isso, há a teoria de que se deve favorecer ao máximo a colonização ao longo dos trilhos. Você há de convir comigo que não há interesse do governo em ajudar a construção de uma ferrovia que depois de alguns anos de existência, não funciona mais, deixando de cumprir uma função estratégica importante como é o caso da Transcontinental.

— Os dois ficaram em silêncio por alguns instantes.

De repente, erguendo o rosto, Jane beijou os lábios de Drago, dizendo:

— Sempre sonhei que iria me casar com um intelectual... Depois com o amadurecimento das ideias,

achei que casar não era bem necessário. Eu precisava ser, pertencer a um intelectual.

Sorriu, beijou-o novamente e falou:

— O que eu não poderia jamais esperar era me apaixonar por um pistoleiro que, quando não está duelando, age e fala como um cavalheiro da mais nobre estirpe!

Naquele instante, antes que George pudesse falar qualquer coisa, o maquinista acionou o apito por três vezes, ao mesmo tempo em que diminuía a velocidade da locomotiva.

— Estamos nos aproximando de uma estação de reabastecimento, Jane — disse Drago. — Mas não vamos parar. Economizaremos quase uma hora e meia com isso!

Abraçando-se a Drago, Jane murmurou:

— Não queria que esta viagem terminasse, George...

O rapaz sorriu.

Beijando-a carinhosamente, ele falou:

— Para nós ela não terminará jamais, querida... Isso eu posso garantir!

* * *

A estação de reabastecimento de White Eagle surgiu na curva dos trilhos, o encarregado acenando alegremente para os ocupantes da composição.

— Pararemos na próxima — falou George. — E será o mais depressa que pudermos pois quanto menos tivermos que esperar, melhor. Segundo o que me disse o pessoal da diretoria da estrada de ferro, o interesse maior é mostrar que se pode fazer a viagem rápida e seguramente.

E assim aconteceu.

Cerca de duas horas depois, o trem se deteve na pequena localidade de Grey Buli, onde ficou por apenas

meia hora, o tempo necessário para que o tender da locomotiva fosse completado com carvão e para o reaquecimento das suas caldeiras, depois que o nível de água foi aumentado com quase dez mil litros.

Durante o dia inteiro, a viagem transcorreu normalmente, McIntosh ficando recolhido à sua cabina ou então no vagão dos repórteres, em alegres entrevistas para os seus jornais.

Jane quis ir para lá, junto de seus colegas para executar o seu trabalho, mas George Drago não o permitiu:

— Nada disso, mocinha! Você ficará aqui comigo e no máximo, vai fazer uma entrevista minha para o senhor Stanwell.

Jane protestou:

— Mas eu tenho um trabalho a fazer, meu Deus! Não posso deixar de lado a minha profissão! Afinal de contas, não estou aqui como turista!

Drago sorriu e beijando-a sobre os lábios, falou:

— Pode deixar que eu saberei como fazer para que você encerre uma carreira brilhante de repórter e inicie uma outra como escritora, já que lhe é tão importante escrever, mostrar para o mundo as suas ideias!

E acariciando-a, acrescentou:

— Afinal de contas, a vida de repórter e a de uma senhora bem casada e mãe de filhos não são duas coisas que se coadunam perfeitamente nos dias de hoje. Talvez, dentro de cem anos, as coisas venham a mudar, mas, por enquanto...

Jane sorriu.

Abraçando-se a Drago, falou:

— Eu sempre disse que só haveria uma coisa que fosse capaz de me fazer desistir do jornalismo. Seria um homem por quem eu me apaixonasse de verdade... Parece que isso

aconteceu, querido E você não imagina como eu me sinto feliz com isso!

* * *

Faltavam poucos minutos para as cinco horas da tarde quando George avisou:

— Vamos atravessar o primeiro dos muitos lugares onde há o risco de uma emboscada ao trem.

Ao seu lado, Mike confirmou as palavras do amigo com um sinal de cabeça e disse para Susan:

— Acho que é melhor vocês duas se afastarem das janelas pois se houver uma tentativa de assalto qualquer, o perigo maior será para quem estiver perto das vidraças.

Não foi preciso uma segunda ordem.

As duas moças aceitaram imediatamente a sugestão de Drago para que ficassem em sua cabina, a veneziana de aço abaixada, ambas bem quietinhas na cama.

— É o lugar mais seguro e o sacrifício será por pouco mais de cinco minutos que é o tempo que vamos levar para atravessar o desfiladeiro! — disse Drago.

Rapidamente, foi ao vagão dos repórteres fazendo a mesma recomendação para todos, inclusive para McIntosh que, teimoso, não estava com a menor vontade de se deitar.

— Sua vida é muito preciosa para todos nós, senhor — disse Mike, com determinação. — Se algo lhe acontecer, sua filha não mais me olhará no rosto e isso é um risco que eu não quero correr.

McIntosh sorriu.

Ele tinha percebido muito bem que a filha estava apaixonada pelo rapaz e que este lhe correspondia integralmente.

Assim, com um suspiro divertido, falou:

— Está bem... Vou me deitar..., mas não irei para a minha cabina! Ficarei aqui com os rapazes pois estamos nos divertindo muito com a entrevista.

Momentos depois, o maquinista fez silvar o apito da locomotiva por quatro vezes, anunciando que estavam se aproximando de uma zona de perigo.

Quase que em seguida, após um breve apito, os freios foram acionados com violência.

Guinchando, rangendo, escorregando sobre os trilhos, a composição parou.

— Uma pedra! — gritou o condutor. — Há uma pedra enorme sobre os trilhos! É uma emboscada!

CAPÍTULO OITAVO

Nove horas da noite

A locomotiva conseguiu parar a menos de cinco metros de distância da enorme pedra que tinha sido rolada, do alto do despenhadeiro, para cima dos trilhos da ferrovia.

Mais do que depressa, o maquinista inverteu as válvulas de vapor, fazendo com que a pesada máquina começasse a se deslocar para trás.

Segundo o que tinha aprendido ao ingressar para aquela profissão, quando alguma coisa desse gênero ocorria, era mais do que necessário dar marcha à ré e partir rapidamente em sentido inverso, de forma a poder ao menos sair de um lugar estreito e acanhado, onde seria muito mais fácil um ataque.

Não conseguiu o seu intento, porém.

Uma voz soou às suas costas, ao mesmo tempo que um revólver era empurrado contra sua coluna vertebral:

— Abra as válvulas, amigo... Não temos nada contra você, mas nós o mataremos se resolver fazer o papel de herói!

O homem obedeceu.

Talvez viesse a perder o emprego, mas, não teria muita dificuldade de achar o que fazer. Mas com toda certeza, jamais voltaria do cemitério!

— Não atire, moço! — pediu ele. — Já estou parando a máquina!

O bandido sorriu.

Estava sendo fácil demais!

Olhou para trás e viu que os outros quatro cavaleiros que o acompanhavam já se encontravam ao lado do vagão de McIntosh, em uma posição que facilitava a sua aproximação sem correr o risco de serem atingidos por alguém que estivesse em uma das janelas.

— Pronto! — gritou um deles. — Pode mandar dar à ré!

Fairbanks, apontando o revólver para a cabeça do maquinista, falou:

— Vamos... Comece a andar para trás... E nada de truques, está me entendendo?

O maquinista fez um sinal com a cabeça e começou a girar a manivela de fechamento do vapor, proporcionando pressão suficiente à caldeira para que a máquina se movimentasse para trás.

— O que está pretendendo fazer? — indagou ele, preocupado. — Quer voltar para a última estação?

Fairbanks não respondeu.

Limitou-se a olhar mais uma vez para trás, para se certificar que tudo estava correndo de acordo com seus planos.

Sim, ele tinha sido bastante esperto.

Se desse certo o que planejara, conseguiria dar um golpe de mestre em Hugh e em Goopper, mostrando-lhes finalmente que não valia a pena estarem sempre a explorá-lo.

— Mais um pouco apenas — disse ele para o maquinista. — Pare antes de entrar no desvio para a pedreira da ferrovia...

O maquinista compreendeu.

O que aquele bandido estava querendo era levar o trem para a pedreira abandonada, a cerca de dez milhas de distância dali, por um desvio que já havia sido desativado havia muitos anos.

Um lugar perfeito para servir de esconderijo!

Como se estivesse lendo as perguntas mudas que o homem lhe fazia com os olhos, Fairbanks disse:

— Comporte-se e você mais o seu foguista não terão o mesmo fim dos demais componentes da comitiva. Eu quero apenas a filha de McIntosh... Ele deverá ficar vivo para poder buscar o resgate para mim... Os outros todos deverão morrer!

E com os olhos brilhando com aquela luz que somente os loucos conseguem mostrar em sua fisionomia, acrescentou:

— Aqueles dois imbecis não querem dinheiro... Eles querem apenas que McIntosh não vá para o Wyoming! Mas eu não! Para mim tanto faz que ele vá para lá ou para o inferno! O que eu quero é muito dinheiro, compreende? Mas muito dinheiro mesmo! E não há nada que me impeça, agora, de obtê-lo!

O maquinista ficou quieto.

Já tinha percebido que estava lidando com um doido e não poderia fazer coisa nenhuma. O melhor era esperar... De uma maneira ou de outra, o destino haveria de encontrar uma solução para aquele caso!

— Já estamos quase no desvio, senhor — falou o maquinista. — É preciso que alguém vire a chave de trilhos.

— Não se preocupe quanto a isso — disse o bandido.

Olhando pela lateral da locomotiva, viu que um de seus homens descia e virava, habilmente, a pesada alavanca da chave dos trilhos.

— Pronto — disse ele vendo o sinal que o comparsa lhe fazia. — Pode continuar. Iremos para a pedreira!

O maquinista percebeu que se quisesse fazer alguma coisa para salvar a situação, teria que ser precisamente naquele momento.

Tinha a possibilidade nas mãos, bastava que fizesse um pequeno movimento com a alavanca de sentido que estava segurando, forçando a locomotiva, depois que tivesse passado duas rodas para o desvio, voltar alguns centímetros.

O descarrilamento seria inevitável.

— Vou precisar dar mais vapor — inventou ele. — Os trilhos enferrujados são mais difíceis.

Fairbanks, preocupado que estava com o ataque, com o que faria em seguida, e, como não entendesse coisa nenhuma de trens, disse:

— Faça o que quiser... Para mim, interessa que entremos no desvio!

O maquinista respirou aliviado.

Seria apenas uma questão de segundos.

De frações de segundo, na realidade...

Com um movimento rápido da mão esquerda, abriu a válvula de velocidade, fazendo a máquina resfolegar mais violentamente.

Ao mesmo tempo, soltou a alavanca de ré, contou até três e prendeu-a novamente.

Foi o suficiente para que o trem forçasse com as rodas o desvio, fazendo-o voltar à posição normal.

Com isso, duas rodas entraram na linha secundária e as outras duas, como a chave já se tivesse fechado automaticamente com a passagem das outras rodas, permaneceram na principal.

Com um grande solavanco, o vagão particular de McIntosh saltou dos trilhos, ficando perigosamente inclinado para a direita.

Aproveitando o espanto e o susto de Fairbanks, o foguista não teve dúvidas.

Bateu-lhe com a pá na cabeça, abrindo-a praticamente ao meio, tal a força da pancada.

No mesmo instante, começou a fuzilaria...

* * *

No interior do vagão, Mike e Drago perceberam muito bem que o que estava acontecendo era um assalto.

O difícil, porém, era o fato de eles não estarem conseguindo enxergar os atacantes, protegidos que eles se encontravam sob a parte inferior dos vagões.

Com o solavanco devido ao descarrilamento, os quatro bandidos, temerosos de se verem subitamente esmagados pelas ferragens do vagão que ameaçava tombar, saltaram para o leito da ferrovia, e, assim expuseram-se aos tiros de Mike, pela esquerda do vagão, e de George, pela direita.

Não houve apelação.

Cada um recebeu a sua dose de chumbo, todos ficaram estendidos no chão, a cabeça perfurada por uma bala.

— Mas você matou os seus dois! — exclamou Mike em tom de reprovação. — Tinha que ter deixado um vivo!

— Ora! — zombou George. — Digo o mesmo para você! Por quê é que não poupou um pelo menos?

Mike ergueu os ombros, resignado.

Olhou para o relógio.

Passava muito pouco de cinco e meia da tarde.

— Creio que teremos muito pouco o que fazer até que chegue o socorro — disse ele. — No mínimo três horas, a três horas e meia de espera.

Susan correu para seus braços e ouvindo o que ele tinha acabado de dizer, falou:

— Creio que você não vai se queixar dessa espera, meu amor... Pode estar certo de que eu farei de tudo para ajudá-lo a passar o tempo!

* * *

Exatamente como Mike tinha previsto, o socorro demorou mais de duas horas para chegar e depois, com a ajuda de guindastes e de muita força dispendida pelos homens, o vagão foi recolocado nos trilhos e a viagem pôde prosseguir.

Na sala de estar, McIntosh ouviu o maquinista contar o que tinha sido falado por Fairbanks:

— Há outros dois, senhor... E o que está interessado é que eles querem que o senhor não vá para o Wyoming.

McIntosh sorriu.

— Já estava esperando por alguma coisa assim... Na verdade, seria até surpreendente que nada disso viesse a acontecer!

Mike olhou para o milionário, cheio de surpresa e indagou:

— Quer dizer que sabe quem são esses dois? Sabe quem é que está por trás de tudo isso?

McIntosh fez um sinal afirmativo com a cabeça e contou:

— Há questão de seis meses atrás, quando a idéia de me instalar com o meu projeto no Wyoming surgiu, enviei para cá dois procuradores incumbidos de adquirir uma gleba de

terras férteis e de boas pastagens ao norte da linha férrea. Esses dois homens voltaram para New York decepcionados, depois de terem sido duramente tratados por dois rancheiros da região, um certo Hugh e outro chamado Goopper.

Sorriu, acendeu um charuto e prosseguiu:

— Eles bateram em meus homens e mandaram dizer por eles que eu me mantivesse longe do Wyoming. Ora... Era a mesma coisa que me falar para vir! Afinal de contas não estou acostumado a obedecer a ordens de ninguém! Não foi difícil para mim verificar que esses dois homens estavam ocupando terras irregularmente. Requisitei a propriedade das mesmas e, na realidade, agora, sou o único dono da maior parte de seus ranchos. Com a aquisição das terras da ferrovia, eu os expulsarei de lá e mostrarei para os que ficam, que vale mais a pena ser meu amigo do que meu inimigo, compreende? E isso, simplesmente porque eu tenho a lei a meu favor!

Levantou-se, bocejou e se espreguiçou, dizendo:

— Vou dormir, crianças...

E com um sorriso maroto, acrescentou, lançando um olhar para Susan e Mike, abraçados sobre o sofá:

— Se para mim, o dia terminou, para vocês, os jovens, parece que está apenas começando, não é mesmo?

CAPÍTULO NONO

Cheyenne, segunda-feira de manhã

— As coisas não estão nada boas para o nosso lado, Goopper! — exclamou Hugh. — Começo a pensar que não deveríamos ter começado essa história toda!

— Está certo! — zombou Goopper. — E deixaríamos que ele acabasse com o nosso gado com seus malditos carneiros? Ou então com as nossas pastarias com a plantação de grãos? É isso o que está querendo? Sabe muito bem que não poderíamos impedir esse miserável de cercar as pastagens que adquirir da ferrovia! Por isso, vamos tratar de fazer o que tínhamos planejado! Vamos apanhar a sua filha e exigir como resgate, não o dinheiro, mas sim que ele nunca mais pense em vir para o Wyoming!

Hugh ficou quieto.

No fundo, sabia que o comparsa tinha toda a razão, mas, que ele estava começando a se sentir apavorado, isso, também sabia.

F muito bem, por sinal!

— O que vamos fazer agora — disse Goopper — é contratarmos alguns homens realmente decididos... Oito, desta vez. Nada menos do que oito pistoleiros dos bons e nós dois sabemos que aqui em Cheyenne, isso não está faltando!

Tomou um gole de uísque e continuou:

— Quatro deles ficarão permanentemente conosco para nos defenderem em alguma eventualidade ... Os outros irão esperar pelo desembarque de McIntosh e sua comitiva. Assim que esses dois malditos estiverem ao alcance das armas dos nossos homens, eles o matarão. Imediatamente agarrarão a filha de McIntosh e pronto! O jogo estará feito, será apenas esperar pelo resultado!

— Não acredito que quatro homens sejam suficientes para segurar dois pistoleiros que já liquidaram todos aqueles que nós pusemos em seu encalço!

Goopper olhou com raiva para o companheiro.

— Se estiver com medo, Hugh, pode dar o fora. Não estou com a menor disposição de ter um entrave ao meu lado na última hora!

Por um momento, Hugh esteve tentado a mandar Goopper às favas e dando-lhes as costas, deixá-lo ali, plantado como uma estátua.

Porém, ele estava cansado de saber que isso seria a pior política que poderia existir. Em primeiro lugar, estaria se arriscando a levar um tiro nas costas e, em segundo, correndo o perigo de ser acusado pelo próprio Goopper de ter conspirado contra a vida de McIntosh.

— Não irei embora, Goopper — falou ele. — Começamos juntos e iremos juntos até o fim... Pode estar certo disso!

Goopper sorriu.

Batendo amistosamente nas costas do amigo, falou:

— Você não vai se arrepender, Hugh... acredite em mim! Vai dar tudo certo e nós seremos, dentro de alguns dias, os dois homens mais ricos de todo o centro-oeste!

CAPÍTULO DÉCIMO

Cheyenne, segunda-feira, à noite

A composição de McIntosh chegou à estação de Cheyenne exatamente às seis e meia da tarde.

O milionário e toda sua comitiva estavam ansiosos para esticarem um pouco as pernas. Depois de tantas horas atravessando uma região onde não se via coisa nenhuma, todos estavam desejando ver um pouco de movimento, de gente...

— Creio que não fará mal nenhum deixar os rapazes darem uma volta pela cidade — falou McIntosh para Drago. — Eu mesmo estou ansioso para ir a um saloon tomar um trago e ver um pouco de civilização em torno de mim!

Drago sorriu e retrucou:

— Creio que o que menos você vai ver por aqui, McIntosh, é exatamente civilização!

Apesar dos temores de Mike e de Drago, todos quiseram descer e caminhar um pouco pela cidade, com a intenção de espairecer um pouco, arejar um pouco a cabeça.

Sem outra alternativa, os dois moços acompanhados por Susan e Jane, seguiram McIntosh pela plataforma da estação, rumo à parte comercial da capital do Wyoming.

Não tiveram que dar mais do que cinquenta passos.

Mike foi o primeiro a perceber o movimento suspeito de dois homens que procuravam se esconder atrás de alguns barris de madeira, em um canto mais escuro da estação.

— Temos encrencas! — avisou ele, já empurrando Susan, Jane e o próprio McIntosh para dentro da sala de telegrafia.

— Fiquem aí — ordenou secamente Drago. — Não saiam antes de mandarmos, estão entendendo?

McIntosh sorriu, nervoso, dizendo:

— Isso já está começando a me cansar... Daqui a pouco, desisto de tudo e pronto!

Mike e George voltaram para a plataforma, vendo os outros dois que se dispunham em posições estratégicas, prontos para atacá-los.

— Não vamos lhes dar chance nenhuma! — falou Mike. — Já chega de tantos incidentes!

George concordou com um sinal de cabeça bem no instante que um dos homens saía de seu esconderijo, disparando contra os dois rapazes, precipitadamente.

Mike e George mergulharam para a proteção da beirada dos trilhos, ao mesmo tempo em que sacando seus revólveres, disparavam-nos com uma precisão demoníaca.

Três dos bandidos caíram fulminados e o quarto, vendo-se perdido, achou que o melhor a fazer era se entregar.

— Parem! — gritou ele. — Não atirem! Eu me entrego!

Drago olhou para Mike e sorriu.

Sim, não poderia acontecer nada melhor do que aquilo...

* * *

— Não acha que eles já deveriam ter aparecido? — perguntou Hugh, enchendo pela quarta vez o seu copo de uísque.

Goopper olhou apreensivo para a porta de entrada do saloon.

Ele também estava achando que os quatro homens que tinham ficado incumbidos de matar os dois rapazes e apanhar a filha de McIntosh, já deveriam ter voltado.

Afinal, no seu entender, seria a coisa mais simples do mundo tocaiar dois homens e sequestrar uma moça!

— O que diabos terá acontecido? — perguntou ele em voz baixa.

Olhou para os lados, certificando-se de que os outros pistoleiros que tinham contratado estavam ali a postos, prontos para defenderem a sua vida.

Mais tranquilo, ele disse:

— Vamos esperar mais um pouco... Se não aparecerem, nós tomaremos as providências necessárias!

Nesse preciso momento, a portinhola de entrada foi aberta e um homem foi praticamente jogado dentro do saloon, fazendo com que todos os que estavam por perto se afastassem, prevendo um inevitável tiroteio.

Gobpper empalideceu ao reconhecer um dos pistoleiros que tinha mandado para a estação.

Afobado, gritou para os seus homens:

— Aí estão eles! Matem-nos!

A reação dos bandidos foi imediata.

Com uma rapidez fenomenal, eles foram às armas.

Porém, não tiveram tempo sequer de sacar os revólveres, atingidos que foram pelos balaços certeiros dos dois rapazes que vinham logo atrás do homem que havia sido empurrado para o interior do saloon.

Os facínoras tombaram, cada um deles levando para a eternidade a surpresa estampada no rosto, incrédulos com o fato de serem derrotados daquela maneira.

Restavam apenas Hugh e Goopper.

Desesperados, os dois tentaram disparar contra Mike e Drago.

Suas mãos voaram para as coronhas dos coldres e muito mais rápidos do que se poderia até imaginar, chegaram a sacar os Colts.

Mas, daí a conseguirem dispará-los, o passo era imenso.

Os revólveres dos dois amigos troaram.

Suas balas, em uma sequência muito rápida, foram atingir os ombros dos bandidos, fazendo-os pender os braços como se estes fossem inúteis apêndices sem qualquer função.

— Nós os queremos vivo, canalhas — falou Drago. — Para que possam pagar convenientemente pelos seus crimes!

CAPÍTULO EPÍLOGO

Cheyenne, terça-feira à noite

Hugh e Goopper olharam incrédulos para o juiz.

— Mas isso não pode ser! — exclamou Goopper. — É um tremendo roubo! Vocês não podem tomar de nós o que é nosso há tantos anos!

Respirando fundo, ponderou:

— Está certo que nós erramos... Tentamos métodos criminosos para impedir que McIntosh se instalasse no Wyoming! Mas, depois que cumprirmos a nossa pena, teremos todo o direito de voltar e continuar a explorar as nossas terras!

O juiz sacudiu negativamente a cabeça e falou:

— Nada disso. Vocês jogaram e perderam. Se tivessem conseguido o seu intento, teriam expulsado McIntosh daqui, arrastando definitivamente a possibilidade de o progresso chegar à nossa região. McIntosh teria um prejuízo formidável e todos nós, junto com ele, perderíamos muito mais do que poderíamos ganhar com vocês.

Ajeitou os óculos e completou:

— Vocês são a verdadeira escória da humanidade! São aqueles que em benefício próprio não vacilam em pisar sobre qualquer um, não hesitam em impedir o desenvolvimento de um povo. E não há crime maior do que aquele que é cometido contra o desenvolvimento! Por isso,

vocês, além de estarem condenados a dez anos de trabalhos forçados, estão destituídos de todas as suas terras!

Sorriu, maldoso e completou:

— Terras que, na verdade, não são suas. Terras que vocês foram ocupando no correr dos anos, sem que lhes acontecesse coisa nenhuma, pois não havia em nossa região alguém que tivesse coragem de enfrentá-los e aos seus pistoleiros!

Um silêncio tumular pairou por alguns segundos sobre o ambiente.

O juiz olhou detidamente para os dois bandidos e bateu com o martelo de madeira sobre a mesa, dizendo:

— Está encerrada a sessão! Levem os dois prisioneiros para a cadeia!

Hugh e Goopper se entreolharam.

Estavam com os braços amarrados pelas ataduras que lhes tinha feito o médico, devido aos ferimentos em seus ombros.

Não tinham nada mais a fazer.

— Não vou apodrecer durante dez anos na prisão para sair de lá feito um mendigo! — exclamou Goopper.

— Nem eu! — falou Hugh, com determinação.

E sem que ninguém esperasse, os dois se puseram a correr para a porta do tribunal, em uma vã tentativa de fuga.

Um dos auxiliares do xerife, um moço mais precipitado do que seria o bom senso, sacou o revólver e disparou.

Atingiu os dois bandidos na coxa, derrubando-os no chão.

Porém, o dedo do destino esteve presente mais uma vez mostrando que a justiça é sempre completa.

Hugh, atingido no terço superior da coxa, caiu ao chão sangrando abundantemente, a artéria femoral rota pela bala.

Não havia o que fazer, o próprio médico, debruçando-se sobre o ferido, sacudiu negativamente a cabeça e murmurou:

— Não posso fazer milagres... O que resta é esperar...

Já Goopper, alvejado um pouco mais abaixo, foi empurrado de encontro à porta do tribunal e, com tanto azar — ou sorte, é uma simples questão de ponto de vista — bateu com a parte posterior do crânio contra a maçaneta.

Ouviu-se um som de pote que se racha e quando o bandido caiu ao chão, estava sangrando abundantemente pelos ouvidos e pelo nariz, mostrando que daquele desmaio, nunca mais voltaria ...

* * *

McIntosh entrou no salão de estar do vagão, olhou para todos os lados e não viu ninguém.

Sorriu...

Sabia muito bem o que estava acontecendo por trás das portas fechadas das duas camas ao fundo do corredor.

— Eles são jovens — murmurou. — Tem todo o direito à vida...

Sentou-se no sofá, apanhou um copo de uísque e calmamente, acendeu o seu charuto.

— Bem, — disse ele para si mesmo. — Os maiores problemas estão resolvidos. Virei para cá dentro de meio ano e me instalarei no Wvoming com força suficiente para construir a maior empresa agropastoril dos Estados Unidos!

Voltou a olhar para o corredor, sorriu ao escutar alguns gemidos e o característico ranger

de camas.

— Agora, terei outros dois problemas — disse McIntosh em voz baixa, monologando. — Terei que providenciar dois casamentos!

Levantou-se, soprou a fumaça do cachimbo para o alto e saiu do vagão, rumando para o carro dos repórteres.

— Acho que Stanwell não vai ficar muito satisfeito com o trabalho de Jane... — murmurou, cumprimentando um dos jornalistas.

O rapaz sorriu para McIntosh e tirando do bolso o seu caderninho de anotações, comentou:

— Pode ser, senhor..., mas aposto que o senhor Drago está mais do que satisfeito com o que ela faz!

E apontando uma cadeira para McIntosh, convidou:

— Que tal algumas palavrinhas para o Daily News?

FIM

A seguir: JOGO DO DESTINO
Não perca!

REEMBOLSO POSTAL
Pedidos de livros

Cole este cupom na sua carta pedindo os livros da Editora Monterrey e ganhe 1 livro grátis em cada pedido de 6 livros. Preenchendo este cupom corretamente, receberá o seu pedido com mais segurança.

Nome: . . . . . .

Endereço: . . . . . .

Cidade: . . . . . **Estado:** . . . . . .

Código de Endereçamento Postal: . . . . . .

ATENÇÃO

Não mande nada adiantado! Só pague ao receber os livros! E não se esqueça de apanhar a sua encomenda tão logo receba o aviso do Correio.

MENSALISTA

Procure receber mensalmente os seus livros, como mensalista, pelo nosso Serviço de Reembolso Postal. Cartas para:

EDITORA MONTERREY LTDA.
Caixa Postal nº 24.119 — ZC-09
Tijuca — Rio de Janeiro

IMPORTANTE:

Os leitores residentes no Rio de Janeiro podem adquirir os números atrasados em nossos escritórios, pelo preço da última edição em banca, à Rua Visconde de Figueiredo nº 81, Tijuca, de 2ª a 6ª-feira, no horário de 8:00 às 13 e das 14 às 17:30 horas.

CARO LEITOR

Se este bolsilivro apresentar alguma falha gráfica, pode devolvê-lo ao Editor que remeterá a V. S. exemplar idêntico sem o referido erro, inteiramente grátis.

REEMBOLSO POSTAL

Avisamos aos nossos leitores que devido ao alto custo da Tarifa Postal somos obrigados a atender somente pedidos cuja quantidade mínima seja de seis (6) livros pelo Reembolso Postal.

Os leitores interessados em receber nossos livros como MENSALISTAS, também terão que fazer pedidos mínimos de seis (6) livros por mês.

Eis as publicações da Editora Monterrey:

Coleção	**Tema**
H. H.	Guerra
F. B. I.	Policial
Z. Z. 7.	Espionagem
Z. Z. 7. Série AZUL	Espionagem
CHUMBO GROSSO	Bangue-bangue
CHUMBO MORTAL	Bangue-bangue
CHUMBO QUENTE	Bangue-bangue
OESTE BARRA PESADA	Bangue-bangue
OESTE BEIJO E BALA	Bangue-bangue
OESTE BRUTAL	Bangue-bangue
OESTE CARGA DUPLA	Bangue-bangue
OESTE PERIGOSO	Bangue-bangue
OESTE PRA VALER	Bangue-bangue
OESTE PROIBIDO	Bangue-bangue
OESTE VERMELHO	Bangue-bangue
OESTE VIOLENTO	Bangue-bangue
TIROTEIO	Bangue-bangue

* SE VOCÊ GOSTA DO MELHOR, LEIA:

** **F. B. I.**
– Histórias policiais com os famosos agentes federais norte-americanos.

** **H. H.**
– Epopéias de guerra que ainda não foram contadas.

** **Z. Z. 7.**
– Aventuras de Brigitte Montfort, a espiã mais linda do mundo.

** **ZZ7 Série AZUL**
– Relançamentos das aventuras de Brigitte Montfort, a espiã da CIA.

** **CHUMBO GROSSO**
– Histórias eletrizantes cheias de ódio.

** **CHUMBO MORTAL**
– Emocionantes aventuras do velho oeste.

** **CHUMBO QUENTE**
– Novelas do faroeste com muita ação.

** **OESTE BARRA PESADA**
– Empolgantes aventuras no cenário rude e hostil do velho oeste.

** **OESTE BEIJO E BALA**
– Faroeste cheio de emoção do princípio ao fim.

** **OESTE BRUTAL**
– Uma visão íntima dos cowboys temerários.

** **OESTE CARGA DUPLA**
– O velho oeste rude e violento.

** **OESTE PERIGOSO**
– Um bangue-bangue excepcional cheio de violência.

** **OESTE PRÁ VALER**
– Aventuras de bangue-bangue que você desejava ler.

** **OESTE PROIBIDO**
– Um faroeste bem violento e prá frente.

** **OESTE VERMELHO**
– Uma balada de incidentes perigosos no velho oeste bravio.

** **OESTE VIOLENTO**
– Um farceste cheio de emoção e violência.

** **TIROTEIO**
– Aventuras inéditas sob o sol do oeste norte-americano.

NOVELAS INÉDITAS

••••• PEÇA AO SEU JORNALEIRO •••••

BOA VISTA, JI-PARANA, MACAPA, MANAUS, PORTO VELHO, RIO BRANCO E SANTAREM (VIA AEREA) MAIS 30% DO PREÇO DE CAPA.

Editora Monterrey Ltda.

PREÇO DESTE EXEMPLAR: Cr$ 110,00